

A Expição

José de Alencar



Conteúdo exportado da wiki Wikisource em 7 de outubro de 2021

CAROLINA, 34 anos.

LINA, 16 anos.

SOFIA, 18 anos.

PAULINA, 38 anos.

D. FRANCISCA, 47 anos.

AMÉLIA, 20 anos.

HELENA, 59 anos.

MENESES, 50 anos.

LUÍS VIANA, 38 anos.

BARÃO DE CASTRO (Araújo), 54 anos.

COMENDADOR VIEIRA, 40 anos.

FERNANDO, 49 anos.

PINHEIRO, 35 anos.

TAVARES, 60 anos.

Convidados, criados, um afilhado de D. Francisca, etc.

A cena é no Rio de Janeiro, 13 anos depois do epílogo das ASAS DE UM ANJO.

- [Pós-escrito](#)
- [Decoração](#)
- [Ato I](#)
- [Ato II](#)
- [Ato III](#)
- [Ato IV](#)

Meu pensamento escrevendo em 1858 a comédia que tem por título — As asas de um anjo—, foi esboçar a vida da Madalena moderna, a Madalena do ouro, filha da sociedade atual.

Devia percorrer essa existência tumultuária, desde o dia em que o anjo perdendo as asas cai no pó até o momento em que, depois de haver rojado, como a larva pelo chão, se transforma enfim e eleva à celeste mansão da virtude.

Havia aí duas ideias bem distintas, dous dramas, o erro e a expiação. Não seria possível incluí-las em uma só comédia; as ações eram diversas, pelo tempo, pela cena, pela revolução profunda no caráter de alguns personagens.

O drama não é como por aí o fazem às vezes, uma série de quadros ou painéis brilhantes, poeticamente dialogados, mas uma página da vida humana que a lógica inflexível das paixões não permite trincar.

Concluiu-se por isso a primeira comédia com o arrependimento, deixando no epílogo dela o prólogo e argumento da segunda. Assim viriam ambas a formar a duologia da pecadora na sociedade atual.

A Madalena do evangelho foi presa da paixão veemente; por isso no dia do arrependimento, quando abraçou com fé robusta os pés do Redentor, tudo lhe foi perdoado porque ela tinha muito amado.

A Madalena do mundo é uma vítima do ouro, abjura do amor e relapsa na cupidez; embora contrita e arrependida só remirá sua culpa quando tiver amado muito e portanto muito sofrido.

A primeira época da vida de Carolina, *As Asas de um anjo*, foi censurada por espíritos bem reputados em literatura. O casamento final para alguns é um monstro da imaginação do autor que fantasiou à seu bel-prazer um amor puro pela mulher só capaz de excitar o desejo sensual; outros consideraram esse casamento como uma recompensa ao arrependimento e portanto um perdão do erro.

A Expição é a resposta a estas censuras: aí está o desenvolvimento da ideia incubada no epílogo das *Asas de um Anjo*.

O amor de Luís que acompanha Carolina durante seu eclipse e tenta regenerá-la pelo casamento é sem dúvida um monstro; mas não do espírito do autor; é um monstro do coração humano; é a paixão indomável das organizações fortes, crescendo com as lutas e sacrifícios, e de repente extinguindo-se, mal entram no domínio da vida real. Há n'alma, como na atmosfera, uma eletricidade que só brilha e fulmina quando rudemente agitada. Nas almas da têmpera de Luís as descargas elétricas devem de ser violentas.

Quanto à outra censura, não foi decerto para recompensar Carolina que desde o prólogo se revela o amor romanesco

de Luís, amor que percorre toda a gama de paixão desde a veneração até o desprezo, desde a indignação até o heroísmo de um matrimônio, reputado vergonhoso. Não; esse casamento é a última e cruel punição do anjo decaído; é mais que a punição é a expiação do passado.

O pensamento não podia ser mais claro.

Enquanto o marido for um irmão apenas, como ele o disse, o que será essa união? Para Carolina o tantalismo de um amor partilhado e não satisfeito! Para Luís a luta de um homem só contra a sociedade inteira. Para ambos o desprezo e sarcasmo do mundo, que tolera, disfarça algumas vezes, mas não esquece.

Se mais tarde, o que é provável, o amor puro e regenerador de Luís descer a realidade do amor conjugal, Carolina achará no toro, em vez dos castos prazeres, um suplício de vergonha e abjeção. Pungida pelas recordações amargas ela se revolverá no leito de Procusto durante as longas noites de insônia, dilacerando sua alma nos espinhos da tribulação. Depois de se haver torturado assim em holocausto à paixão do marido, a vítima expiatória da sensualidade se erguerá para beber o fel do desprezo que transuda do homem torpemente saciado.

Súbito, o amor ardente do marido, se apaga como chama fugace; mas o coração vigoroso e jovem tem sede de vida. Luís ama outra mulher: a vergonha e o remorso de sua

perfidia o irrita, porque ele é honesto; a paixão o esvaíra. Quem sabe? Talvez em um momento de delírio, insulte sua mulher.

E a filha!...

Se um dia a casta e inocente menina ler no sorriso de escárnio a vergonha de seu nascimento; se uma voz lhe murmurar ao ouvido que é sua própria mãe quem lhe corta em flor as mais belas esperanças e a rejeita da sociedade honesta; a filha não terá um momento de delírio, uma revolta do coração puro, um grito de indignação para acusar aquela à quem deve a vida e também o infortúnio!

Eis esboçado o pensamento da Expição. Eu a entrego à cena, da qual foi violentamente arrancada sua irmã.

Será ela mais uma vítima ao minotauro? Mais um livro sacrificado em holocausto à indiferença pública, que tantos outros tem devorado?

Habent sua fata libelli.

Este terá o seu!

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1865.

J. de Alencar

ATO I — A cena representa um terraço; no fundo e dos lados, portas iluminadas dos salões de baile, por onde passam constantemente os pares. A esquerda, no primeiro plano, gradil do terraço com assentos para fumar; do outro lado bancos de pedra com latadas. Vasos de flores, trepadeiras, etc. A espaços ouve-se a música.

ATO II — Sala modesta. No fundo direito entrada exterior; no fundo esquerdo varanda. À direita janelas de grades; à esquerda alta sala de jantar; à esquerda baixa, interior. O piano a direita entre as janelas.

ATO III — Jardim moderno; no fundo, cortinas que ocultam a mesa de jantar sob as mangueiras. À direita, grade que divide do pátio de entrada; à esquerda, um pavilhão octógono, metade fechado em gabinete, metade aberto em varanda; da parte fechada, porta para o jardim; dessa porta desce até abaixo da cena um arvoredo que separa a varanda do jardim; a comunicação faz-se por um arco de cedros, onde se figura passar a rua tortuosa que vem do fundo.

ATO IV — A mesma cena que o segundo.

(Em casa de Fernando. Terraço entre salões de baile.)

CENA I

Meneses, Vieira, Pinheiro e Fernando.

FERNANDO – Aqui está mais fresco!

PINHEIRO – Está delicioso!... Este terraço é encantador!...

MENESES – Realmente, quem goza deste ar puro, e desta impagável liberdade em pleno baile, vendo dançar nos salões as mais bonitas mulheres, e luzir no céu as mais brilhantes estrelas, saboreando um sorvete entre duas fumaças de Havana; pode dizer afoutamente que conquistou o paraíso terrestre!

VIEIRA – É o baile mais esplêndido deste ano. Podes ter este orgulho, Fernando!

FERNANDO – Quis mostrar a certos ricos como se deve usar da riqueza!

VIEIRA – E conseguiste! Fizeste de tua casa um verdadeiro paraíso terrestre, como diz o Sr. Meneses. Nada falta, nem mesmo o fruto proibido.

MENESES – E a tentação da serpente, Sr. Vieira... Perdão... Sr. comendador Vieira!...

VIEIRA – Ora! Pode tratar-me como quiser. Não reparo nessas cousas.

MENESES – Nada! O seu a seu dono. Ninguém respeita mais os títulos do que eu.

PINHEIRO – Quando bem empregado.

MENESES – São sempre bem empregados, Sr. Pinheiro.

FERNANDO – Oh! nem sempre!

VIEIRA – O certo é que um homem sisudo faz hoje verdadeiro sacrifício aceitando alguma dessas honras que tem sido tão barateadas pelos governos estrangeiros.

MENESES – Como certas comendas!... Mas acredite-me, Sr. Fernando; o título ainda mal empregado é uma instituição utilíssima.

FERNANDO – Explique-nos a razão.

MENESES – O que são as condecorações senão um modo de publicidade? Um velhaco que passaria despercebido em sua obscuridade, não pode escapar a curiosidade pública desde que o põem em relevo.

PINHEIRO – Que epigrama!

MENESES – É um paradoxo de jornalista. Sou homem da imprensa; sustento a conveniência do anúncio e a abolição do anônimo, no salão, como no jornal. E lá vem o nosso barão que estou certo pensa como eu.

VIEIRA – O barão é suspeito nesta matéria!

CENA II

Os mesmos, e o Barão.

BARÃO – De que se trata? Do Sr.?

PINHEIRO – Tratava-se de títulos e condecorações...

MENESES – E eu dizia que se algumas vezes são cartas de recomendação, outras não passam de cartazes de botica bem necessários para se conhecer que o frasco contém veneno.

BARÃO – Diziais uma verdade. Não sou suspeito, como inculca aqui o Sr. comendador. Quando me ofereceram o título que trago por uma bagatela que dei, quis recusar; mas não tendo nome ilustre que conservar, e não me vindo daí prejuízo, aceitei. Aceitei, e confesso que por uma razão de comodidade.

VIEIRA – Pois eu julgo que não há nada mais incomodo do que as honras. Digo-o por mim: vê-se uma pessoa cercada

por mil importunações.

BARÃO – Não duvido que ao senhor isso aconteça; a mim porém dá-me menos trabalho como diretor do banco assinar milhares de vezes dous nomes, do que os cinco que me deixou meu pai por herança.

VIEIRA – Então foi barão unicamente para encurtar a assinatura?

MENESES – Admira com efeito! Quando outros fazem o possível por alongar o nome, escrevendo a margem todos os seus títulos verdadeiros ou falsos!

FERNANDO (tossindo) – Vou me recolhendo. O sereno não me faz muito bem!

BARÃO – Mas tem passado melhor depois de sua viagem.

FERNANDO – Pouco!... Também a contradança nos chama meus senhores. A conversa está interessante; mas não devemos esquecer as senhoras.

VIEIRA – É a segunda quadrilha? Danço com D. Paulina. Ainda não te fiz meus cumprimentos. Está com um toilette deslumbrante! Os mais ricos diamantes desta noite!

MENESES – O elogio tem seu peso! O Sr. Vieira é bom juiz em matéria de joias.

BARÃO (rindo) – É entendido, é! Lembras bem!

VIEIRA – Nem por isso, meus senhores. Falo simplesmente como homem de gosto!

CENA III

Barão e Meneses

BARÃO – Já viste Carolina?

MENESES – Ela está aqui?

BARÃO – Chegou a pouco. A filha obrigou-a... Como resistir? Lina vai fazer dezesseis anos no dia 20; está uma moça e não tem distrações.

MENESES – Viesse com seu pai; com Luís!

BARÃO – Não achas feio estar uma menina daquela idade num baile sem a companhia de sua mãe?

MENESES – Antes isso do que expor-se a uma desfeita! E Luís consentiu em semelhante imprudência!

BARÃO – Luís me parece mudado; não é o mesmo homem. Está agora de um humor detestável; sempre contrariado e aborrecido. Para isso não valia a pena vir morar na corte!

MENESES – E não desconfias do motivo dessa mudança, Araújo?

BARÃO – Não; tenho pensado, e não sei a que atribua. Percebeste alguma cousa?

MENESES – Tive apenas uma suspeita à tempos, e não quis comunicar-te, porque ela te afligiria profundamente, como me afligiui a mim. Desconfio, Araújo, que Luís já não ama Carolina.

BARÃO – Que dizes, Meneses? É possível? A mulher por quem sacrificou seu futuro e sua existência!

MENESES – Por isso mesmo; o coração deu mais do que devia, e do que podia; a razão reclamou já tarde seus direitos.

BARÃO – Mas que motivos tens para acreditar que esse amor acabou? Depois de tantos anos de casados, é natural que se tornasse mais calmo.

MENESES – Sem contudo perder a estima, que o homem deve à mulher à quem deu seu nome! Repito, porém: é simples suspeita minha; o que vi não passa de sintomas assustadoras, que entretanto talvez nada tenham de real.

BARÃO – Deus o queira. Seria uma desgraça para toda aquela família.

MENESES – Especialmente para Carolina. Vamos vê-la; ela deve sentir neste momento a necessidade de ter junto a si seus amigos; isto lhe dará coragem.

BARÃO – Está passeando agora com o Tavares.

MENESES – Receio muito que essa imprudência não tenha más consequências.

BARÃO – Não sejas tão apreensivo também. Há treze anos que Carolina casou; tem vivido constantemente na fazenda... Já devem estar esquecidos.

MENESES – Cuidas que estas cousas esquecem?... És sempre o mesmo homem, Araújo; nem a idade, nem a riqueza, destruíram a ingenuidade de teu coração. O que esquece é o martírio de Carolina arrependida e torturada pelas recordações, sua virtude de esposa e mãe, sua caridade inteligente, o heroísmo sublime de sua calma e aparente serenidade; todas essas lembranças de ontem, todos estes fatos de hoje, que continuarão amanhã e sempre. Mas o erro, esse não cria cabelos brancos nunca, e por mais velho que seja, remoça apenas lhe tocam. Tenho uma lembrança vaga de que a mulher de Fernando conheceu Carolina noutro tempo... Não estás certo?

BARÃO – Não me recorde. Fazem tantos anos!

MENESES – E esse Vieira?... Está fazendo a corte a D. Paulina; uma palavra basta, e ele a dirá...

BARÃO – Felizmente estamos aqui. Se houver alguma cousa, dou o braço a Carolina, e quero que a venham ofender junto de mim.

CENA IV

Os mesmos, Ribeiro, Frederico e Lina.

RIBEIRO – Sr. barão! (saúda) Estimo encontrá-lo, Sr. Meneses.

MENESES – Há muito que não tinha o prazer de vê-lo.

RIBEIRO – Onde está morando agora?

MENESES – Sempre no Catete, e sempre às suas ordens.

RIBEIRO – Desejo procurá-lo; e desde já o previno que é uma visita interesseira.

MENESES – Melhor; terei o prazer de servi-lo, Sr. Ribeiro. Com licença!

RIBEIRO – Perdão. Se o não incomodo, permita que lhe apresente meu filho.

LINA (pelo braço de Frederico) – Boa-noite, Sr. Meneses.

MENESES – Como está, Lina?

LINA – É preciso procurá-lo para ter o gosto de o ver.

MENESES – Os velhos devem passar depois dos moços. Nós formamos nos bailes, a reserva dançante.

BARÃO – Eu cá estou reformado!

LINA – Pois há de dançar hoje comigo, meu padrinho!

RIBEIRO – Frederico, ainda não conheces o Sr. Meneses, um dos nossos talentos mais brilhantes e escritor de reputação. São relações que deves cultivar; em tão boa escola aprende-se muito.

FREDERICO – Se o Sr. Meneses me quiser honrar com seus conselhos, eu me esforçarei por tornar-me digno de sua amizade.

MENESES – A minha amizade é um tanto rabugenta; pelo que não a suportam senão alguns velhos camaradas, já habituados às minhas impertinências. Isso não impede porém que faça sempre com prazer o conhecimento de uma pessoa digna de estima.

RIBEIRO – Apresento-te agora o Sr. barão de Castro! És feliz esta noite. Quem faz dous conhecimentos desta ordem, pode bem dizer que não perdeu o dia.

FREDERICO – É uma fortuna certamente, e que eu sei apreciar. Sinto que neste momento outro dever não me deixe gozar dela por mais tempo.

LINA – Mas eu não desejo que por minha causa se prive desse prazer.

FREDERICO – Oh! confesso que sou egoísta preferindo sua conversação, minha senhora; mas nenhum dos senhores me leva isto a mal.

MENESES – Decerto; as moças, sobretudo as bonitas, não costumam perdoar esses crimes contra a galanteria.

LINA – Veja lá, não me deite a perder com seus elogios.

CENA V

Meneses, Barão e Ribeiro.

BARÃO – Que idade tem seu filho, Sr. Ribeiro?

RIBEIRO – Vinte e um anos. Acaba de formar-se em medicina.

BARÃO – É mais velho do que... do que a outra?

MENESES – Supunha que a menina que o Sr. perdeu há tempos era seu primeiro filho.

RIBEIRO – Não senhor; quando a perdi, Frederico estava com sua mãe; trouxe-o para minha companhia e o tenho educado com desvelo. Quero que ele seja o contrário do pai. Há de conhecê-lo; é um moço sisudo e de princípios severos.

BARÃO – Notei-lhe com efeito uma gravidade rara em moços de sua idade.

RIBEIRO – É por ele Sr. Meneses que desejo procurá-lo, para de novo pedir-lhe sua proteção.

MENESES – Ora, Sr. Ribeiro!

RIBEIRO – Perdão, se tivesse um amigo como o senhor quando entrei no mundo, creio que a minha vida teria sido outra.

BARÃO – Nisso dou-lhe toda a razão; eu conheço esta fazenda. (batendo no ombro de Meneses.)

RIBEIRO – Posso contar com este obséquio?

MENESES – São cousas que não se prometem, Sr. Ribeiro; vem com o tempo e com as circunstâncias. O que lhe asseguro é minha boa vontade.

RIBEIRO – Isso basta-me; obrigado.

CENA VI

Meneses, Barão.

MENESES – Queres saber que ideia extravagante me passou agora pelo espírito?

BARÃO – Uma extravagância em ti é cousa bem rara para que eu tenha curiosidade de conhecê-la.

MENESES – Nem tanto... Mas vendo-os pelo braço um do outro...

BARÃO – Antes de tudo saibamos de quem falas?

MENESES – De Lina e desse filho do Ribeiro.

BARÃO – Bem; vendo-os pelo braço...

MENESES – Lembrei-me! São moços, ambos na flor da idade, ignoram o passado. Se eles vão se amar!

BARÃO – Hem!... Dous irmãos!...

MENESES – Não fales tão alto!

BARÃO – Mais essa para a pobre Carolina!

MENESES – Confesso-te que estremeci!

BARÃO – E havia de quê.

MENESES – Mas no fim de contas não passa de uma lembrança. Há tanto moço de quem Lina pode gostar!

BARÃO – Contudo é prudente afastar o rapaz. Viram-se hoje pela primeira vez; mas ninguém sabe o que virá depois. Estes bailes são uma escola de namoro.

MENESES – Aposto que te recordaste agora da Vestal.

BARÃO (rindo) – É verdade! Meu tempo! Há nada que o faça esquecer! Nem riqueza, nem consideração.

MENESES – É realmente prudente evitar que Lina se encontre com esse moço; mas não basta. Convém casá-la quanto antes, e por todas as razões. Uma indiscrição, uma palavra malévola pode lhe revelar o segredo de seu nascimento; e ela sofrerá menos se tiver um protetor e um coração leal que a ame e faça feliz. É preciso que Luís trate disto.

BARÃO – Luís? Todos nós. És celibatário e eu estou viúvo e sem filhos. A família de Luís é também nossa. Temos não só o dever, mas o direito de velar em sua felicidade. Não entendes assim?

MENESES – Sempre o entendi. Ocupemo-nos todos, dizes muito bem, com o meio de assegurar sua tranquilidade; mas não lhe deixemos perceber que ela está ameaçada!

(Pequeno intervalo em que se ouve a música e vê-se a multidão dos convidados que atravessam o terraço.)

CENA VII

Luís e Sofia (de braço.)

SOFIA – Voltemos ao salão; desejo sentar-me.

LUÍS – Já?

SOFIA – Estou fatigada.

LUÍS – Quantas valsas dançou?... Nenhuma!

SOFIA – Temos passeado tanto tempo! Podem reparar.

LUÍS – Não tenha esse receio. Sou um homem casado.

SOFIA – Sr. Viana!

LUÍS – Repreenda-me, D. Sofia; repila-me com indignação e desprezo. A senhora o deve. Mas não posso, não tenho

forças para recalcar este amor insensato no fundo do coração.

SOFIA – Cale-se! Eu lhe peço!

LUÍS – Tenho pensado muitas vezes que é uma loucura, um amor sem esperança, uma paixão criminosa e infame, porque trai a mulher que tem direitos sobre mim, e insulta aquela à quem amo. De que serve isto? De exasperar-me ainda mais, e torturar-me de ciúmes. Neste baile, quando um homem chega-se para a senhora, lhe fala e aperta a mão, sabe o que eu penso? Aquele é livre; ela pode amá-lo! E tenho vontade de ir-me a ele e insultá-lo...

SOFIA – Não fale tão alto; estão-nos ouvindo, Sr. Viana.

LUÍS – Que grande crime cometi eu para que Deus me punisse com este amor? Minha vida agora é um martírio. Meus amigos, fujo deles com medo que me leiam no rosto meu crime. Minha mulher... creio que lhe tenho ódio.

SOFIA – Por quê, meu Deus? Ela merece ser amada!

LUÍS – Quem é a causa de minha desgraça? Se eu fosse livre, talvez a senhora me amasse.

SOFIA – Ninguém governa seu coração. Ah! se o amor só nascesse quando se deseja!

LUÍS – Quando a senhora me conheceu, ignorando ainda quem eu era, talvez me iludisse; mas pareceu-me que seu olhar não era indiferente ao que eu sentia. Diga, não é verdade?

SOFIA – O senhor tinha salvado meu pai; era preciso que fosse ingrata.

LUÍS – Não me fale de gratidão.

SOFIA – Demais o senhor me parecia triste e infeliz...

LUÍS – E não o sou mais agora?

SOFIA – Eram motivos bastantes para me interessar pelo senhor, e ter-lhe amizade.

LUÍS – E hoje só tem motivos para desprezar-me!

SOFIA – Para desprezá-lo não; mas para fugi-lo. Creio que vão tocar uma valsa.

LUÍS – Vai dançar? Com quem?

SOFIA – Com o comendador Vieira.

LUÍS – Com esse homem! Oh! mas ele é feliz! é solteiro!

SOFIA – Não diga isso. Que loucura!

LUÍS – Quando penso que a senhora pode amar alguém, perco a razão!

SOFIA – Não pense nisto. Quer? Eu lhe prometo que não amarei a ninguém.

LUÍS – Nunca?... Oh! São promessas que não se cumprem, e nem se podem cumprir. Não disse a pouco que ninguém pode governar seu coração? Não! Seja feliz! A desgraça deve recair, unicamente sobre mim; não tenho direito à semelhante sacrifício.

SOFIA – Quem lhe diz que seja um sacrifício! Não acredita que hajam almas incapazes de amar? Sou uma delas. Viverei para a amizade e as afeições calmas da família!

LUÍS – É impossível!

SOFIA – Eu lhe provarei o contrário. Quer ser meu amigo?

(Entram Lina e Frederico; eles afastam-se passeando.)

CENA VIII

Lina e Frederico.

LINA – Ainda não me disse como tem achado o baile, Sr. Frederico?

FREDERICO – Brilhante, D. Lina! E nem podia deixar de ser assim. Esperei-o com tal ansiedade!

LINA – Contava então divertir-se muito?

FREDERICO – Tinha a esperança de encontrá-la e de poder enfim falar-lhe.

LINA – Como! O senhor já me conhecia?

FREDERICO – E a Sr.a, D. Lina, não me conhecia também?

LINA – Não me lembro.

FREDERICO – Não se lembra de me ter visto? Quando estive em Santa Teresa não costumava passear todas as tardes no jardim?

LINA – Às vezes.

FREDERICO – Uma tarde o vento arrebatou seu chapéu. Não se recorda de quem o apanhou e lhe entregou por entre as grades?

LINA – Faz tanto tempo já que estive em Santa Teresa.

FREDERICO – Fazem seis meses. É muito para quem esperava; mas bem pouco para esquecer. Tinha enfeitado

seu chapéu com as rosas que colhera e ficou-me uma nas mãos. Quando ia dar-lhe, a senhora fugiu. Guardei-a.

LINA – Ainda a conserva?

FREDERICO – Ainda; mas não tenha o menor receio; sei que devo restituí-la.

LINA – Não lhe pedi.

FREDERICO – Consente que eu a guarde então?

LINA – Consinto... se quiser.

FREDERICO – E desta vez não esquecerá?

LINA – Tanto como da primeira. Quando deixamos de ver alguém por muito tempo é natural esquecermo-nos dele.

FREDERICO – Não foi por minha vontade, D. Lina. Tive uma enfermidade bem grave!

LINA – Ah! meu Deus! Bem o coração me adivinhou.

FREDERICO – Que diz! Pensa algumas vezes em mim? Já não sinto o que sofri, porque foi essa doença que a fez confessar.

LINA – Não confessei coisa alguma; e não vá por isso adoecer outra vez. Onde estará mamãe?

(Um cavalheiro toma o braço de Lina.)

CENA IX

Os mesmos, Luís, Sofia e Vieira.

LINA – Não valsas hoje Sofia? Tu que és tão apaixonada.

SOFIA – Estou à espera de meu par.

LINA – Aqui?... A valsa se acabará antes que te encontre.

SOFIA – Não se perde muito. Estou gozando deste fresco.

LUÍS – Que é mais agradável por certo do que uma valsa com o comendador Vieira.

FREDERICO – E a senhora não valsa?

LINA – Não senhor; mamãe não quer.

VIEIRA – A que tempo que a procuro, D. Sofia. Vai tocar a nossa valsa.

SOFIA – Estava-o esperando.

CENA X

Ribeiro e Frederico.

RIBEIRO – Não danças agora?

FREDERICO – Não senhor. Já dancei bastante.

RIBEIRO – Se queres acende teu charuto. Tens te divertido?

FREDERICO – Muito, mais do que esperava! O baile está muito animado, e a reunião é a melhor possível.

RIBEIRO – O que há de mais distinto no Rio de Janeiro. Bonitas senhoras, toilettes magníficos. Mais do que é preciso para atordoar um moço de vinte anos. Lembra-te porém do que te disse: toma cuidado com teu coração; não o esperdices nessa galanteria de salão, que torna um homem frívolo e incapaz de afeições sérias.

FREDERICO – Pode estar descansado a este respeito, meu pai. Sinto que quando amar uma vez, será por toda a minha vida.

RIBEIRO – Bem sei; conheço tua alma; por isso mesmo não a deves entregar senão à mulher que for digna de a receber.

FREDERICO – Seria a desgraça de minha vida. Mas creio que o coração tem seu instinto; se algum dia sentir uma afeição, a moça que a inspirar deve ser um anjo de pureza.

RIBEIRO – Como achaste essa moça à quem davas o braço a pouco?

FREDERICO – D. Lina Viana?

RIBEIRO – Sim. Vi-te dançar com ela.

FREDERICO – É uma linda moça! Que semblante angélico! Respira a bondade de sua alma.

RIBEIRO – É muito interessante, e tem tanto espírito como beleza.

FREDERICO – Conversei com ela pouco tempo, mas fiquei encantado. Meu pai tem relações com a família?

RIBEIRO – Conheço-a de vista apenas; mas isto não é motivo para que deixes de frequentar sua casa se te oferecerem. Quem te apresentou a ela?

FREDERICO – O Sr. Tavares. A mãe recebeu-me muito bem. É uma excelente senhora.

RIBEIRO – Dizem que não é feliz. Tem sofrido muito!

FREDERICO – Não parece! Quem a vê ao lado da filha toma-a por uma irmã mais velha. Deve ter sido muito bonita.

RIBEIRO – Nem fazes ideia! Era linda!...

FREDERICO – Ah! meu pai a conheceu quando moça?

RIBEIRO – Vi-a algumas vezes, de passagem. E o marido como te tratou?

FREDERICO – Com alguma frieza.

RIBEIRO – Não dês importância a isto! Ele é naturalmente seco!... Deves ir adquirindo relações por ti mesmo; eu vivo bastante retirado, já não tas posso dar! (toma-lhe o braço). Trata de frequentar essa casa.

CENA XI

Vieira e Tavares.

TAVARES – Então o que foi isto comendador? De que ri-se?

VIEIRA (rindo) – Uma descoberta interessante! magnífica!

TAVARES – Conte-nos isso, não seja egoísta. Alguma anedota?

VIEIRA – É cousa melhor! Mas o senhor não a conheceu, não pode achar graça.

TAVARES – Diga sempre.

VIEIRA – Ouviu falar alguma vez de uma célebre Carolina? Uma mulher que outrora foi o escândalo do Rio de Janeiro?

TAVARES – Alguma mulher da rua?

VIEIRA – Da praça pública, meu caro Sr. Tavares. Um verdadeiro demônio em carne e osso.

TAVARES – É gente que não conheço, nem mesmo de nome, comendador. Um homem sério, como eu, deve zelar sua reputação.

VIEIRA – Certamente! A gente de nossa classe não se mistura com essa ralé. Pois a tal Carolina depois de fazer mil diabruras, entre outras a de arruinar um pobre rapaz a quem a fortuna do pai fazia cócegas na algibeira, caiu na miséria.

TAVARES – Era de esperar.

VIEIRA – Supunha que ela tinha morrido. Estive alguns anos ausente do Rio de Janeiro, tratando de certos negócios, e nunca mais tive notícias dela, nem de sua companheira, uma tal Helena, uma verdadeira harpia.

TAVARES – Mas pelo que vejo, o senhor as conheceu de perto.

VIEIRA – Nada, meu amigo; apenas de reputação.

TAVARES (rindo) – De reputação! A palavra tem seu chiste.

VIEIRA (ri-se) – Veio a propósito!... De reputação unicamente. Fui sempre um homem de salão, meu caro Sr. Tavares; tirando-me disto, estou fora do meu elemento. Figure qual não seria meu espanto julgando reconhecer a pouco.

TAVARES – Quem? A tal moça?

VIEIRA – A celebre Carolina.

TAVARES – Aonde? Viu-a passar na rua?

VIEIRA – Vi-a passar na sala, nesta sala de baile.

TAVARES – Não é possível! Uma semelhante ousadia, comendador!

VIEIRA – O mais engraçado porém, não é isto. Sabe quem lhe dava o braço?

TAVARES – Algum figurão.

VIEIRA – O Pinheiro! O sujeito a quem ela depenou! O senhor não se ri?... Não acha cômico?

TAVARES – Ao contrário, comendador, se isto é verdade acho que é sumamente grave; e que os homens sisudos devem lamentar um fato desta ordem.

CENA XII

Os mesmos, o Barão e D. Paulina.

D. PAULINA – Então, meus senhores, não vão dançar? De que ri-se de tão boa vontade, comendador?

TAVARES – De uma cousa que devia excitar outro sentimento que não a hilaridade.

VIEIRA – O Sr. Tavares é um caráter severo, D. Paulina; por isso não repare. Mas a cousa é para rir!

D. PAULINA – E não se pode saber o que é. Serviremos de juízes.

VIEIRA – Se V. Ex. quer aceitar meu braço, terei dous prazeres; o de satisfazê-la, e gozar da ventura de sentir-me a seu lado.

D. PAULINA – O Sr. Barão permite? (Vieira e Paulina afastam-se.)

TAVARES – Ainda não sabe?

BARÃO – O que meu senhor?

TAVARES – Que a moralidade pública acaba de ser enxovalhada.

BARÃO – Não me admira, Sr. Tavares; quando a moralidade pública aperta a mão a um comendador Vieira, não pode esperar outra cousa.

TAVARES – Ou V. Ex. não me entendeu; ou sou eu que não entendo a V. Ex.

BARÃO – É possível uma e outra cousa.

CENA XIII

Os mesmos, Carolina, Pinheiro e Meneses.

CAROLINA – Sentemo-nos ali. Enquanto se dança poderemos continuar a nossa conversa.

PINHEIRO – Sim, minha senhora.

TAVARES – Não tem querido dançar, D. Carolina.

CAROLINA – Já gozo desse direito, Sr. Tavares; tenho uma filha moça que faz as minhas vezes.

TAVARES – Ora isso não impede! Mas com licença... Vou-me retirando.

CAROLINA – Ainda é cedo. (Entra Meneses.)

TAVARES – Acabo de saber uma cousa que me tira a vontade de ficar aqui. A reputação de Sofia me impõe uma grave responsabilidade. E V. Ex. também está no mesmo caso.

CAROLINA – Não o compreendo, Sr. Tavares. A reunião em que nos achamos me tranquiliza a este respeito. Demais, deposito a maior confiança em minha filha.

TAVARES – Quando a senhora souber...

MENESES – O que Sr. Tavares?

TAVARES – Boa-noite! Boa-noite! Um homem sisudo não se deve incumbir de divulgar certos escândalos!

MENESES (ao barão) – Velho jesuíta!

BARÃO (a Meneses) – Escuta.

CAROLINA (idem) – Meu amigo, desejava falar-lhe.

MENESES – Já lhe quis oferecer meu braço por duas vezes, mas fui prevenido.

CAROLINA – Eu o aceitarei daqui a um instante.

(Meneses e Araújo afastam-se de um lado, Carolina e Pinheiro vão sentar-se do outro.)

BARÃO – Não sabes? o Vieirinha reconheceu Carolina!

MENESES – Quem to disse?

BARÃO – Ninguém! Suspeitei por certas palavras do Tavares.

CENA XIV

Carolina, Pinheiro, Meneses e Araújo.

CAROLINA – Repito, Sr. Pinheiro! Todo o mal que eu lhe fiz outrora não vale a punição que sofro neste momento. Ah! ninguém pode imaginar que esforço de vontade é

necessário para que me anime a dar o braço ao senhor... ao senhor, que me conheceu, e sabe o que fui!

PINHEIRO – Não fale mais disto, D. Carolina; ninguém neste mundo está isento de culpa; e quem remiu a sua tão nobremente, como a senhora, tem o direito de esquecer o passado.

CAROLINA – Não posso nem devo esquecê-lo. É preciso que o tenha sempre vivo e presente para me punir e reparar o mal que fiz. Nestes treze anos, é essa esperança que me tem feito viver. Deus, no meio das torturas que sofro, me deu um supremo consolo, permitindo que eu fechasse algumas chagas que abri. Faltava uma... a miséria a que o reduzi! Mas ele compadeceu-se de mim, tirando-me este peso da consciência, e restituindo-lhe por minha mão, o que por minha mão lhe arrancou!

PINHEIRO – Que diz D. Carolina?

CAROLINA – Tenho uma amiga, filha de um rico fazendeiro; é uma moça boa e pura como um anjo, e bonita. Não lhe conviria esse casamento?

PINHEIRO – .Ora! D. Carolina! Na posição em que estou, nem um pai se animará a dar-me sua filha. Além de que essa senhora nem sabe que existo.

CAROLINA – Ela já o estima, Sr. Pinheiro. Se não me engano já lhe tem simpatia.

PINHEIRO – A mim? então já me viu?

CAROLINA – Já.

PINHEIRO – Aonde?

CAROLINA – Já o viu pelos meus olhos. O senhor não sabe que o coração puro de uma menina, é uma cera branda onde se imprime o que se deseja? Vali-me da amizade para imprimir nele uma afeição, que deve fazer a felicidade de ambos. Seus pais lhe deixam a liberdade de escolher um marido, mesmo pobre. Ainda duvida? Não aceita?

PINHEIRO – O que a senhora me diz é tão novo e estranho para mim, que não lhe sei responder, D. Carolina.

CAROLINA – Reflita, Sr. Pinheiro! Si aceitar, eu lhe apresentarei. Tive ontem notícias dela; está a chegar a corte; talvez no dia dos anos de Lina jante em minha casa.

PINHEIRO – Não posso saber seu nome?

CAROLINA – Antes do senhor decidir-se a vê-la seria uma indiscrição de minha parte. Reflita já lhe disse. Esse casamento será uma alegria para mim. Dando a ambos a felicidade, cumpro meu dever de amizade para ela, e reparo uma falta. Quando me dará a resposta?

PINHEIRO – Amanhã, se quiser.

CAROLINA – Bem; agora permita-me que o deixe. Seu braço meu amigo.

BARÃO – Não são horas de retirar-se Carolina?

CAROLINA – Estou à espera de Luís; veja se o resolve.

CENA XV

Carolina e Meneses.

(Passeiam de um lado a outro do terraço.)

MENESES – Tem-se divertido, Carolina?

CAROLINA – Essa pergunta, meu amigo, não vem do seu coração. Eu a tomaria por um sarcasmo, se não percebesse sua perturbação, vendo-me aqui no meio de um baile.

MENESES – Confesso, Carolina, que não esperava encontrá-la nesta casa.

CAROLINA – Julga que fiz mal? Diga, meu amigo; seja severo como costuma. Sabe que essa severidade é um direito da sua velha amizade; e um de seus maiores títulos à minha estima. Fiz mal, não é verdade?

MENESES – Cometeu uma imprudência; seu lugar não é aqui, Carolina. Os anjos não podem roçar nos tapetes de veludo que cobrem os salões; nem viver nesse espaço intermédio onde gravita a sociedade. Ou eles perdem as asas e caem no pó, ou soltam o voo e plainam sobre este mundo de misérias e prejuízos. No seio de sua família, na solidão de sua consciência, no mistério de sua inteligente caridade, é você uma santa, Carolina; aqui neste baile, não passa de uma mulher infeliz que a sociedade lamenta, mas condena.

CAROLINA – E a sociedade tem razão!

MENESES – Como instituição, como lei humana, decerto!

CAROLINA – Reconheço que não devia ter vindo; mas talvez que o motivo que me trouxe justifique à seus olhos essa falta.

MENESES – Luís exigiu?

CAROLINA – Não.

MENESES – Foram então as instâncias de Lina?

CAROLINA – Em parte; mas o principal motivo foi outro. Eu lhe digo. Até hoje, Meneses, tenho vivido entre-os meus, na intimidade de alguns amigos sinceros que me cercam de atenções e respeitos que não mereço. No retiro da fazenda ou mesmo aqui na corte, a reprovação do mundo se cá por

fora fazia algum rumor, não penetrava naquele santuário da família e da amizade. Eu não sentia essa reprovação; e devia senti-la para expiação dos meus erros. É justo que a mulher que outrora escandalizou a sociedade e afrontou a indignação pública, de cabeça erguida e sorriso desdenhoso, se curve diante dessa mesma sociedade, esmagada pelo desprezo público, com a fronte abatida, e as faces cuspidas dos risos e olhares de escárnio que lhe atiram passando.

MENESES – Carolina!

CAROLINA – É justo, sim! Eis o que vim fazer a este baile. Não foi a mulher infeliz, como disse há pouco; foi a vítima expiatória de um sacrifício, que arrastada pela consciência, atravessou esta noite os salões dourados presa ao braço do seu antigo amante, a quem ela arruinou! Ouvi dizer que antigamente se atavam os assassinos aos cadáveres de suas vítimas! Pois eu tive essa coragem, meu amigo! Não era preciso tanta para matar-me, acredite!

MENESES – Acredito, Carolina; esse suplício deve ser cruel, e não tinha o direito de impô-lo à sua alma. Mas basta; é tempo de retirar-se. Lembre-se que tem uma filha, um marido, e amigos sinceros. Se esta imprudência der lugar a algum fato desagradável não será a única a sofrer.

CAROLINA – Por minha vontade já me tinha retirado; há muito senti que me faltam as forças. Leve-me ao toilette. (Saem.)

CENA XVI

Vieira e D. Paulina.

VIEIRA – Não é possível encontrá-la! Pois há pouco pareceu-me vê-la aqui?

D. PAULINA – O senhor diz que ela tem um vestido cor de café com enfeites pretos...

VIEIRA – De veludo!

D. PAULINA – Só me lembra de ter visto assim D. Carolina, a mulher do Viana.

VIEIRA – Que Viana? A tal chama-se Carolina também.

D. PAULINA – Viana...Um sujeito de Rezende.

VIEIRA – Não conheço! mas esta não pode ser casada, D. Paulina! Não há homem com semelhante coragem.

D. PAULINA – Vejamos deste lado!

VIEIRA – Mas lembre-se do que lhe disse. Todo o serviço tem sua recompensa.

D. PAULINA – O senhor assegura-me que ela foi amante de meu marido?

VIERA – Juro-lhe.

D. PAULINA – Pois bem; se for verdade, prometo-lhe que me vingarei. Está satisfeito?

VIEIRA – E eu serei o mais feliz dos mortais!

D. PAULINA – Meu marido terá o que merece!

CENA XVII

Meneses, Carolina e Fernando.

(Carolina vem de capa, pronta para retirar-se.)

MENESES – Se Luís não quiser ir, eu tomo sobre mim a responsabilidade. Não deve ficar aqui mais um instante!

FERNANDO – Como! Já se retira, D. Carolina?

CAROLINA – É verdade! Desculpe-me!

MENESES – A senhora está incomodada.

FERNANDO – Ao menos quero ter a honra de dar-lhe o braço até ao seu carro. (Meneses solta o braço de Carolina.)

MENESES – Vou buscar Lina.

CAROLINA – Sim, meu amigo; e não se demore. (Meneses sai.)

FERNANDO – Não me quis dar esta noite o prazer de dançar uma contradança comigo; e retira-se sem deixar-me se quer uma esperança!

CAROLINA – Tenha compaixão de mim, Sr. Fernando!

FERNANDO – Perdoe-me se a ofendi, D. Carolina. Não julguei que fosse hoje um crime pedir-lhe hoje um pouco da afeição que lhe mereci em outro tempo.

CAROLINA – É justamente porque me conheceu nesses tempos; porque foi testemunha da minha vergonha, que o senhor era o menos próprio para me falar em amor. Julgá-me pelo que fui?

FERNANDO – Não diga isso, minha senhora.

CAROLINA – Não era sua intenção talvez; mas não se lembrou que minha consciência não podia dar outra significação às palavras que me tem dito esta noite.

FERNANDO – Estava tão longe de pensar que as tomasse nesse sentido, sabendo o respeito com que a trato!...

CAROLINA – Esse respeito eu o mereço, não pela virtude que não tenho, mas pela desgraça que pesa sobre mim. O senhor queria há pouco que eu lhe desse uma esperança criminosa; eu deixo-lhe uma melhor realidade. Dê um olhar à sua mulher; verá que D. Paulina merece mais do que outra seu amor e a sua estima.

CENA XVIII

Os mesmos, D. Paulina e Vieira.

(D. Paulina vendo o marido solta o braço de Vieira; este esquiva-se.)

D. PAULINA – Senhor, isto é uma indignidade!

FERNANDO – O quê, senhora?

D. PAULINA – Receber em minha casa uma dessas mulheres à toa, que depois de ter praticado toda a casta de escândalos, tem a mania de se fingirem honesta!... Num baile!

FERNANDO – Não é possível, Paulina. Quem lhe disse? (Perturbação de Carolina.)

D. PAULINA – Uma pessoa que a conheceu outrora afirmou-me que a tinha visto... na sala, há pouco. É uma

célebre Carolina, que o senhor bem conhece!

CAROLINA – Ah!

FERNANDO – Cale-se!

D. PAULINA – Oh! Eu sei que foi sua amante; e é por isso que o senhor teve a coragem de convidá-la; mas devia saber que não levo a minha condescendência a este ponto!

FERNANDO – Não vê, senhora, que está representando uma cena ridícula? Quer que a ouçam?

D. PAULINA (para Carolina.) – É incrível, minha amiga, o como esses senhores nos tratam, a nós suas mulheres. Não respeitam nem mesmo as conveniências! Mas que tem a senhora?

CAROLINA – Nada! Queria retirar-me! Sinto-me morrer!...

FERNANDO – Venha, minha senhora!

D. PAULINA (a Fernando) – Ah! pensa que isto há de ficar assim!... Está enganado! Exijo que o senhor faça já sair de minha casa sua amante!

FERNANDO – Não seja imprudente, minha mulher!

D. PAULINA – Bem! sei o que devo fazer! Vou já mandar expulsá-la pelos meus criados! (Meneses aparece.)

CAROLINA – É justo, meu Deus (desmaia.)

FERNANDO – Eis o que a senhora queria.

D. PAULINA – O quê? Que significa isto.

MENESES – Eu lhe digo, minha senhora! (de parte e a meia voz) Só a esposa honesta tem o direito de atirar a pedra à pecadora que se regenerou!...

Na casa de Luís.— Sala de visitas.

CENA I

Luís e Lina. . (Luís entra da rua.) LINA – Bom-dia papai.

LUÍS – Estava justamente à tua espera, para ver como te fica esta pulseira.

LINA – Ah! que linda! (beija-o na face) obrigada, bom papai, obrigada!...

LUÍS – Nesta cercadura há dezesseis rosas; são os teus dezesseis anos floridos!

LINA – Papai tem muito bom gosto!

LUÍS – O gosto não foi meu, porém de uma pessoa que te quer muito.

LINA – De mamãe?

LUÍS – Não! De tua maior amiga. Não adivinhas?

LINA – Sofia?

LUÍS – Ela mesma!

LINA – Ora! eu apreciaria mais se fosse o seu gosto.

LUÍS – E também foi, combinamos ambos na escolha (pausa). Mas vamos a saber... Como arranjaste tua festa?

LINA – Eu lhe digo. Temos um peru gordo, e um leitãozinho que vieram da fazenda. Mamãe encomendou duas gelatinas e uma pirâmide de camarões, na casa do Carceller. Meu padrinho manda as flores e as frutas da chácara. E daqui a pouco eu vou fazer um prato de creme. Mas não é só isto!... Havemos de ter sorvetes!...

LUÍS – Bem! Bem! Já se sabe que és uma excelente dona de casa.

LINA – E não diga brincando! Mamãe prometeu-me que havia de descansar da lida da casa, quando eu completasse meus dezesseis anos. Portanto de hoje em diante faça obséquio de respeitar-me!

LUÍS – Bravo! Já me estás com uns ares de matrona!

LINA – Há de ver como esta casa andarás em ordem!

LUÍS – Começando por hoje. Aposto que não sabes ainda quem são teus convidados?

LINA – Ora? Os do costume. Meu padrinho, Meneses, Sofia e o pai. Só tem de mais Amélia, a mãe e o noivo!

LUÍS – Não disse? Ainda faltam três.

LINA – Quais?

LUÍS – Depois saberás! Escreveste a Sofia?

LINA – Falei-lhe eu mesma no baile do Fernando.

LUÍS – E ela te prometeu vir sem falta?... Talvez procure algum pretexto...

LINA – Sofia!... Só estando de cama.

LUÍS – Escreve-lhe sempre.

CENA II

Os mesmos e Carolina.

LINA – Olhe mamãe, que linda pulseira papai me deu!

CAROLINA – Está realmente muito bonita e delicada.

LINA – Dezesseis rosas na cercadura... Viu mamãe? Como é mimoso!

CAROLINA – Também trago-te meu presente de anos. Não é rico e elegante, mas deve ser para ti, como foi para mim, de grande preço!

LINA – Basta vir de sua mão, boa e querida mamãe.

CAROLINA – Vês estas fitas azuis?... Estão já desbotadas! Há dezoito anos que teu pai me deu estes laços para com eles me enfeitar quando fosse à missa.

LINA – Ah! Eu quero beijá-las!

CAROLINA – Eu era então moça, alegre, inocente e bonita como tu, Lina!... Tudo passa!... Um dia caíram-me na rua os meus laços azuis... Chorei muito, muito!... Mas felizmente teu pai os achou outra vez e mos trouxe!

LUÍS – Que necessidade há de recordar o passado?

LINA – É verdade!... não vá agora ficar triste, boa mamãe.

CAROLINA – Não; neste dia devo estar contente. Restituindo-me os laços que eu perdera, Luís me disse: “São as asas de um anjo.” E pediu-me que os guardasse para minha... para nossa filha!

LINA – Querido papai!

CAROLINA – Aqui os tens, Lina. És um anjo de candura e bondade; cubram-te estas asas como um manto celeste, e à

sombra delas vicem as rosas de tuas belezas.

LINA – Sou capaz de jurar que fiquei tão bonita com elas, como era mamãe. (Vai ao espelho.)

LUÍS – Que extravagante lembrança!

CAROLINA – Por quê, Luís?

LUÍS – Há certas cousas que se devem esquecer; e quando isso não é de todo possível, acho de mau gosto fazer ostentação delas.

CAROLINA (meia voz) – Enganou-se na palavra; expiação é que devia dizer, Luís.

LUÍS – Não discutamos. Oponho-me a que Lina ande com estas fitas. Vai tirá-las, minha filha!

LINA – Por quê, papai? Um presente de mamãe no dia de meus anos!

LUÍS – Quem gosta dessas relíquias, pode guardá-las; mas não as anda mostrando; seria prestar-se ao ridículo. Que figura farias com umas fitas desbotadas nos cabelos e um vestido novo?

LINA – Quando souberem quem mas deu e por que estão desbotadas, hão de achá-las bem bonitas.

LUÍS – Não sejas teimosa. Vai tirá-las, já disse.

LINA – Pois tire, papai, se quiser, eu não. Mamãe aí as deitou, eu não lhes toco.

LUÍS – É justo!... Ela é tua mãe!...

CAROLINA – Luís!... Vem cá, Lina! Teu pai tem razão. Dei-te estas fitas como uma lembrança, para as conservares em memória de tua mãe. Não servem para enfeite. Pede perdão a teu pai do que lhe disseste!

LINA – Me perdoa, papai?

LUÍS – Está bem; vai cuidar dos arranjos de tua festa!

LINA – É verdade, mamãe, sabe que teremos mais três convidados?

CAROLINA – Nada sei, minha filha.

LUÍS – Convidei algumas pessoas mais.

LINA – São precisos doze talheres!... Ora o jantar chega! Vinte que fossem! Com licença, vou dar minhas ordens ao cozinheiro, e mandar Manuel pôr mais uma tábua na mesa.

CENA III

Luís e Carolina.

CAROLINA – São pessoas de cerimônia os outros convidados?

LUÍS – De cerimônia?... não; sabem que é um jantar de família. O Fernando, a mulher e o Dr. Ribeirinho.

CAROLINA – Não é possível! Meu Deus!...

LUÍS – De que provém semelhante espanto?

CAROLINA – Pois Luís, depois do que se passou!... Quer que eu receba em minha casa essa senhora que tão cruelmente me insultou?...

LUÍS – Não exagere as cousas, Carolina. O que houve foi apenas um equívoco inocente, causado por aquele intrigante do Vieira. O Fernando já me deu uma completa satisfação. Demais em princípio esses escrúpulos são infalíveis, apesar de termos vivido tanto tempo arredados da corte; é preciso pois sofrê-los com paciência e esperar que o hábito os faça cessar.

CAROLINA – Ninguém sofre com resignação maior do que eu essas e outras ainda mais duras provanças. Aceito-as como as penas de minha longa expiação; e depois que as passo, sinto dentro em mim um grande contentamento, porque me julgo melhor e mais remida da culpa. Tão corajosa, porém, sou eu para arrostar o castigo que Deus me

inflige, quanto me encho de terror só de pensar que uma palavra, uma revelação cruel possa perturbar a serena inocência de minha filha!

LUÍS – Realmente não sei que prazer é este seu, Carolina, de estar sempre a repetir e fantasiar cousas desagradáveis!

CAROLINA – Custa-lhe muito aplacar os sustos de uma mãe já tão infeliz, sejam eles embora imaginários?...

LUÍS – Que havia eu de fazer?... Estou em tais relações com o Fernando, que seria uma imprudência não convidá-lo; e convidá-lo sem a mulher era pior ainda, era uma grosseria.

CAROLINA – E cuida que D. Paulina se digne descer ao ponto de vir à nossa casa?

LUÍS – Por que não? Asseguro-lhe que há de vir.

CAROLINA – Se visse que o marido daquela a quem insultou se ofendera com o seu procedimento, talvez viesse para desculpar-se. Mas estou certa que aproveitará mais essa ocasião para desfeitear-nos.

LUÍS – Veremos.

CAROLINA – E o outro seu convidado, Luís, o Dr. Ribeirinho...

LUÍS – Também a insultou?

CAROLINA – Esse me horroriza, Luís! Não tive ânimo de lhe dizer ainda. Esse moço dançou com Lina no baile do Fernando, e notei que ambos pareciam muito inclinados um ao outro. Se acabarem por se gostar!

LUÍS – Que tem isso? É um bom casamento!

CAROLINA – Casamento, Luís?... Não se lembra então? O filho do Ribeiro!

LUÍS – É verdade! nem me ocorreu, habituado como estou a considerá-la minha filha!

CAROLINA – Será por isso, ou porque anda tão alheio da família, que nem se lembra dela?

LUÍS – Temos agora recriminações?... Não é ocasião própria.

CAROLINA – Descanse; nunca as ouvirá de mim. Sei bem que não tenho direito de fazê-las. Mas Luís, eu lhe suplico, não chame esse moço para nossa casa! Se soubesse o terror que se apoderou de mim.

LUÍS – Seja razoável. Pois entre tantas moças que há neste Rio de Janeiro, o Ribeirinho havia logo de namorar-se de Lina? Não está vendo que é um despropósito?

CAROLINA – Tudo é possível para minha punição.

LUÍS – Bem; outra vez não o convidarei.

ESCRAVO – Está aí o Sr. Tavares.

CAROLINA – Tão cedo!

LUÍS – Que entre.

CAROLINA – Eu vou-me vestir antes que cheguem outras pessoas.

CENA IV

Luís e Tavares.

LUÍS – Veio só?

TAVARES – É verdade! sucedem cousas!...

LUÍS – O que foi? D. Sofia adoeceu?

TAVARES – Não, não foi isso felizmente; porém um contratempo com que não contava. De repente sem esperar chega-nos o comendador Vieira em casa, e fez-se de convidado para jantar.

LUÍS – Não me admiro. Está nos seus hábitos.

TAVARES – Pois eu confesso ao meu amigo que estranhei assaz semelhante procedimento, que não me parece de um homem grave!

LUÍS – Mas em todo o caso isso não era um obstáculo. Devia dizer ao tal senhor que estava comprometido a jantar em nossa casa.

TAVARES – Acanhei-me. Bem sabe o meu amigo que é necessário na sociedade ter certas contemplações.

LUÍS – Ora; contemplações com Vieira!

TAVARES – É amigo do Fernando a quem sou devedor de muitas finezas; demais consta-me que é uma língua terrível, e mau para inimigo. Um homem de certa posição deve zelar muito a gravidade de seu caráter.

LUÍS – Nunca esperei da sua parte semelhante cousa, Sr. Tavares. Faltar a um convite meu, para não contrariar um estranho.

TAVARES – Por isso mesmo que o meu amigo me honra com sua estima, julguei que mais facilmente me desculparia. Acredite que sinto bastante este contratempo.

LUÍS – Não aceito desculpa alguma. Escreva um bilhete ao Vieira avisando-o do compromisso que tomou e venha

jantar conosco. Às três horas eu o espero.

TAVARES – Havia um meio ainda de arranjar tudo.

LUÍS – Qual? Diga!...

TAVARES – Era trazer o Vieira conosco; mas o meu amigo não gosta dele; o melhor é não pensar nisto.

LUÍS – Aquele infame em minha casa? De forma alguma!

TAVARES – Eu previa isso. Entretanto não anda ele pelas melhores casas? Pois nós é que havemos de endireitar o mundo? Repugna com efeito ao caráter de um homem sisudo ombrear com gente dessa laia, mas é preciso que hajam maus para os bons valerem de alguma cousa. Passar bem Sr. Viana. Repito ao meu amigo que muito pesar...

LUÍS – Eu o espero! Se de todo não se puder descartar do Vieira...

TAVARES – Que fazer então?

LUÍS – Nesse caso... traga-o...

TAVARES – Bem! Bem! Até logo!

LUÍS – Mas faça o possível...

TAVARES – Sim! Sim!

CENA V

Meneses e Helena.

(Meneses entra primeiro, depois Helena que para na porta.)

HELENA – Não é o Sr. Meneses?

MENESES – Creio que já a vi; mas há muito tempo!

HELENA – Tão velha e acabada estou eu que não me conhece! Aposto que já nem se lembra mais da Helena?...

MENESES – Ah! Com efeito era preciso adivinhar. Como podia eu reconhecer uma borboleta em figura de barata?

HELENA – É para ver como a gente muda! Bem o senhor me dizia.

MENESES – Mas que veio você fazer a esta casa, mulher? Não sabe que sua presença aqui só pode trazer desgosto e tristeza? Se a falta de meios a obriga a pedir, tome e retire-se já!

HELENA – Não tenha susto, Sr. Meneses. Venho a esta casa porque sou chamada.

MENESES – Duvido. Quem a chamou?

HELENA – Ela mesma.

MENESES – D. Carolina?

HELENA – Eu lhe conto; é segredo; ela não quer que diga a ninguém; mas o senhor não me compromete. Não sei por que é que se há de esconder o bem que se faz!...

MENESES – Venha o tal segredo.

HELENA – Fazem dois anos que ela me viu passar na rua doente e pedindo esmola; mandou-me chamar para saber das minhas desgraças e deu-me alguma cousinha para viver e um emprego para trabalhar.

MENESES (rindo) – Um emprego!... Muita habilidade tem D. Carolina se descobriu em você préstimo para alguma cousa boa.

HELENA – Pois olhe! sou a caixeira dos pobres.

MENESES – Ah! Ela cuida dos pobres?

HELENA – Não pense que são os pobres que andam por aí a pedinchar pelas ruas e igrejas, como eu já andei. Nada; os nossos são os pobres que trabalham e têm vergonha de pedir quando lhes falta o necessário.

MENESES – O teu emprego de caixeira consiste então em levar-lhes a esmola.

HELENA – Pois não! Ela diz...

MENESES – Ela não, a Sr.a D. Carolina!

HELENA – A Sr.a D. Carolina diz que a esmola faz a gente preguiçosa; é preciso ajudar as tais sujeitinhas, mas obrigando-as a trabalhar.

MENESES – E como consegue ela isso?

HELENA – Faça de conta que nesta rua tem uma pobre mulher costureira, que está doente e não pode trabalhar; como não ganha nem tem quem lhe fie, lhe fica a roupa toda suja, então eu tomo-a para lavar e dou-a à lavadeira que mora noutra rua. Quando a roupa está pronta pago com o dinheiro que a senhora me dá; a costureira fica-me devendo e pensa que fui eu quem lhe lavei a roupa. Eu ponho-me em cima dela todos os dias a cobrar, grito, ralho, até que por fim ela paga de seu trabalho.

MENESES – É bonito, é; mas tenho meus receios que a caixeira não tire sua porcentagem desses empréstimos.

HELENA – Ah! Sr. Meneses!... Aí vem ela. Disfarce!

CENA VI

Os mesmos e Carolina.

CAROLINA – Não sabia que já tinha chegado.

MENESES – Como passou de ontem?

CAROLINA – Bem. Deixe-me falar a esta velha.

MENESES – Muito me surpreende, Carolina, encontrar Helena em sua casa.

CAROLINA – Você a reconheceu? Não é a mesma mulher, acredite.

MENESES – Tem certeza disso? Não a está ela enganando?

CAROLINA – Posso assegurar-lhe que seu arrependimento é sincero.

MENESES – A prova?

CAROLINA – Tenho-a incumbido às vezes de certas costuras...

MENESES – Ela tudo me confessou, Carolina. É mais uma das suas obras de beneficência. Não se envergonhe por isso!

CAROLINA – Pois bem, já que sabe, posso falar-lhe abertamente. Para experimentar, Helena, incumbi a outra pessoa de indagar do que ela fazia e nunca a achei em falta.

MENESES – Ainda assim; não gosto de ver essa mulher em sua casa, Carolina. Creio que você podia achar outro instrumento melhor para sua caridade.

CAROLINA – Neste ponto não lhe dou razão. Ela foi o instrumento do erro; Deus a destinou para instrumento da reparação.

MENESES – Não lhe dói porém o contacto dessa mulher?

CAROLINA – Por isso mesmo!

MENESES – Há exageração nessa severidade.

CAROLINA – Diz a minha consciência que não; mas quando houvesse eu não me devia esquivar a um constrangimento que salva essa pobre mulher. Estou convencida que ninguém senão eu a podia arrancar ao vício... Sabe por quê? pela razão de me ter visto outrora a par com ela.

MENESES – Não diga isto!

CAROLINA – Eu sou para esta mulher, a fé e a esperança; seja você a caridade!... Venha cá, Helena!

HELENA – Não vim mais cedo, porque só agora, chegando, recebi o recado.

CAROLINA – Mandeia chamar para lhe dar uma nova incumbência.

HELENA – Estou pronta.

CAROLINA – Lina faz hoje dezesseis anos; quero dotar em seu nome uma moça pobre e bem procedida. Conhece alguma que esteja neste caso?

HELENA – Não; mas posso indagar.

CAROLINA – Devia ter-me lembrado disso há mais tempo para que o dote fosse dado no dia de hoje.

HELENA – Até à noite ainda se pode fazer muita cousa.

CAROLINA – Pois veja se me obtém isso!

HELENA – Vou já.

CAROLINA (a Meneses) – Diga-lhe uma boa palavra!

MENESES – Helena, eu sabia que a serpente tentou a mulher; vejo agora que há anjos que convertem demônios!

HELENA – É verdade!... se não fosse ela!...

CENA VII

Carolina e Meneses.

MENESES – Há quinze dias que estou para lhe fazer uma pergunta, Carolina; desde a conversa que tivemos em casa

do Fernando. Aproveito, pois, esta ocasião de estarmos sós. Diga-me, o amor de Luís já a abandonou?

CAROLINA – Meu amigo!...

MENESES – Bem suspeitava eu que ia ferir em sua alma uma corda dolorosa. Se você achasse um refúgio no coração de Luís, não havia de temer tanto do mundo, nem sentir tão presente um passado já remoto. Mas ele a deixa isolada no vácuo de sua consciência, erma de esperanças, e por isso você procura a sociedade para fugir à vida íntima, embora lhe guarde ela tantos amargores!

CAROLINA – Não sei se uma mulher pode confiar ao seu maior amigo, mesmo a seu pai, o segredo da vida conjugal!...

MENESES – Lembre-se que sou responsável por seu casamento, pois consenti nele; essa responsabilidade e a afeição que tenho a ambos me dão o direito de penetrar no santuário doméstico.

CAROLINA – Tem razão. Devo confessar-lhe tudo, sim, mas por outro motivo; para que não recaia sobre Luís, a culpa que não tem.

MENESES – Ama-a ele ainda?... Responda.

CAROLINA – Não, não me ama, nem podia.

MENESES – Por quê, Carolina?

CAROLINA – Admira-lhe isso! Ouça-me. Logo depois de celebrar-se o nosso casamento, Luís me disse: “És minha esposa para o mundo, Carolina; à face de Deus serás minha irmã.” Estas palavras proferidas ainda à vista do altar foram como um voto solene, embora secreto, de nossa união. Juramos a Deus cumpri-lo.

MENESES – Voto impossível!

CAROLINA – É verdade, impossível. A luta foi longa e terrível; mas devíamos sucumbir afinal. Então começou o suplício cruel de minha vida!

MENESES – Não lhe compreendo.

CAROLINA – Nem pode compreender. Imagine uma criatura devorada por moléstia repugnante, que tenha a desgraça de amar e ser retribuída com igual paixão!... Sentindo-se imunda e repulsiva para aquele a quem adora, temerá a cada instante ver o amor afogar-se em asco, a carícia transformar-se em gesto de nojo!... Imagine qual suplício deve ser o seu! Pois esse foi o meu, talvez mais cruel!... O amor que houvera sido minha ventura, tornou-se meu incessante martírio!

MENESES – Pobre Carolina! Adivinho agora tudo.

CAROLINA – É preciso que adivinhe porque eu não sei, nem ousou dizer-lhe! Não há amor que resista às decepções que Luís sofria! Diga, pensa que seja possível amar uma mulher a quem se causa horror?... Se meu marido aproximava-se de mim gelava-se-me o coração; se me fazia uma carícia derramava-se por todo o meu ser tal angústia e espanto, que perdia a razão. Depois que essa paixão me tinha assim flagelado, deixava-me agonizando, como a vítima que fustigaram até ao sangue... Mas não era sangue, era a alma que me dilaceravam!

MENESES – E Luís não percebia? Nunca tentou desvanecer esse terror e sufocar à força de amor e ternura a lembrança implacável do passado?

CAROLINA – Muitas vezes, muitas, envolveu-me de sua ardente paixão, criou em torno de mim um outro mundo, um céu para abrigar-me nele. Mas tudo era inútil. Se afinal iludida me enchia das veementes efusões de sua alma, sabe o que sucedia?... Encontrava nele frieza e tédio, que me arrojava de novo ao passado.

MENESES – Luís tem uma alma entusiasta e veemente, capaz de grandes arrojados, mas passageiros e rápidos. Eu previ que lhe havia de faltar coragem e força para essa luta!

CAROLINA – Ninguém a teria. O suplício cruel desse amor durou anos. Luís devia amar-me muito para resistir

tanto tempo. Se pois ele já não me ama, a culpa não é sua, mas somente minha, que não pude fazê-lo feliz.

MENESES – É dele, porque só no caso de sentir-se capaz de subjugar essas revoltas da consciência e da sociedade, devia ter realizado semelhante casamento. Iludiu-se; e dessa falta não se defende.

CAROLINA – Repito, Luís não tem a menor culpa. Quando eu, sua mulher, o absolvi do amor que me jurou, ninguém, creio eu, tem o direito de ser mais severo e perturbar a calma de sua consciência.

MENESES – Descanse; não lhe direi uma palavra a tal respeito.

CAROLINA – O erro desse casamento foi meu e meu só, por ter nele consentido; devia saber que estava morta para o amor. Tenho disso tal remorso, que se Luís viesse a amar outra mulher... eu sofreria horrivelmente, mas... havia de respeitar a felicidade que eu lhe não pude dar.

MENESES – A felicidade criminosa!...

CENA VIII

Os mesmos e Lina.

LINA – Está aí D. Francisca, mamãe!... Ah! Sr. Meneses!

MENESES – Bom-dia e bons anos.

LINA (na janela) – Vem com o Sr. Pinheiro.

MENESES (baixo) – O Pinheiro, Carolina?

CAROLINA – Sim, Meneses; é noivo da filha de D. Francisca, uma das minhas amigas e rica fazendeira.

MENESES – Perdão, Carolina!

LINA (na janela) – Que lindo vestido tem Amélia!

MENESES – É tão admirável tudo quanto faz que vou de surpresa em surpresa. Já entendi; esse casamento foi você quem o arranjou.

CAROLINA – Causei a desgraça desse moço e ele é inocente da minha!... A vergonha que sua presença me causa não devia impedir-me de reparar o mal; o cumprimento desse dever me santifica de tal modo, que lhe confesso... Parece-me que para ele sou outra mulher!

LINA – D. Francisca vem com um luxo, mamãe! E Amélia, tão envergonhada com o noivo!

CENA IX

Os mesmos, D. Francisca, Amélia e Pinheiro.

D. FRANCISCA – Dá licença, minha amiga?

CAROLINA – Entre D. Francisca! (cumprimentos gerais.)

D. FRANCISCA – O Sr. Lopes não pode vir porque está com sua enxaqueca. Tomei então a liberdade de trazer em lugar dele este meu afilhado para me carregar o saco.

CAROLINA – Fez muito bem.

D. FRANCISCA – Tanta coisa que a gente é obrigada a trazer, o leque, o lenço, a carteira, as chavinhas, além da caixa de rapé, que eu não dispenso. O Sr. Pinheiro, este nem lhe chega o tempo para olhar Amélia. Está bem; não fiquem aí vermelhinhos. Hoje em dia já as crianças casam as bonecas. Não é assim mesmo, minha feiticeira?... Venha cá! Então aposto que lhe agrada mais a corte que a roça?... Nem se pergunta!

LINA – Gosto do lugar onde mamãe está.

D. FRANCISCA – Isso é agora. Dê cá o saco, menino.

MENESES – É a primeira vez que vem à corte, minha senhora?

D. FRANCISCA – Qual!

CAROLINA – Tem estado aqui por diversas vezes.

D. FRANCISCA – Somos conhecidas velhas, mas cada vez que volto é como se viesse pela primeira vez. O Rio de Janeiro vai ficando mais moço e mais bonito, eu mais velha e mais feia. É servido de uma pitada?

MENESES – Obrigado, minha senhora.

D. FRANCISCA – Sim, os senhores todos agora deram em fumistas; viraram canudo de chaminé, porque estamos no século do vapor. Nós, da roça, estamos ainda pela moda do dominus tecum.

MENESES – Que quer minha senhora. Era preciso que o pobre nariz da humanidade descansasse!

D. FRANCISCA – Então agora trabalha a boca? Mas nós as mulheres que não fumamos, que havemos de fazer?

MENESES – Falar, falar, enquanto os homens fumam.

D. FRANCISCA – Não está má a maneira de chamar-me tagarela. Mas eu não me zango, não. Meu marido é homem de poucas palavras, Amélia é o que o senhor vê, parece muda; então falo eu por toda a família.

CAROLINA – Sempre alegre! Que gênio feliz!

D. FRANCISCA – Ora, minha amiga, se a gente não levar essa vida assim com cara de riso, são dois purgatórios, um neste mundo e o outro lá em cima. Ah! Aqui está o nosso pensativo.

CENA X

Os mesmos, Luís e o Barão.

LUÍS – Como passou, D. Francisca? Seu marido?

D. FRANCISCA – Pois o senhor é marido e me pergunta? Não sabe da balda dos homens todos? Tem sempre uma enxaqueca à mão para não acompanharem suas mulheres.

LUÍS – Como estou em unidade, julgo mais prudente uma retirada honrosa. Que dizes? (para Meneses apertando-lhe a mão.)

D. FRANCISCA – E o Sr. Meneses?

LUÍS – Este é solteiro ainda!

MENESES – É verdade, minha senhora. Apesar de já velho, tinha esperanças de casar-me, com alguma moça míope que não me visse a calva e os cabelos brancos! Mas depois da invenção dos balões reneguei inteiramente do matrimônio.

D. FRANCISCA – Mas por quê?

MENESES – Se eu me casasse era para viver junto de minha mulher. Ora desde que o balão tomou o lugar que eu podia ocupar de um ou de outro lado, julgo inútil casar-me! (risos.)

D. FRANCISCA – É engraçado o tal Sr. Meneses. Pois olhe, o meu balão é dos maiores, e nunca o Sr. Lopes reparou nisso!

LUÍS – Mas o Sr. Pinheiro não tem o mesmo receio.

PINHEIRO – Não, senhor. Enquanto não se usarem balões que cubram o coração, eu espero ter sempre o meu lugar!

D. FRANCISCA – Bravo, meu futuro genro!

LINA – Não cores, Amélia!

AMÉLIA – Eu, não!

D. FRANCISCA – Assim, defenda o nosso sexo! É seu dever.

MENESES – O Sr. Pinheiro está um pouco atrasado, D. Francisca. A moda do coração já passou como a do rapé de que falamos há pouco. A ultima moda agora é o charuto e o dote.

BARÃO – Este Meneses é incorrigível!

LINA – Oh! meu padrinho!... Agradeço-lhe muito as belas frutas que me mandou. E as flores! São lindas!

BARÃO – Esconda isto!... (dá um par de bichas de diamante.)

LINA – Para mim?... Que riqueza!... Olhe mamãe!

LUÍS – Realmente é demais, Araújo.

BARÃO – O senhor não tem ingerência nisto!

D. FRANCISCA – É uma peça de gosto!

MENESES – Também trouxe-lhe meu presente de anos, Lina. É a ocasião de o receber. Cada um dá o que tem. Eu, dou-lhe um conselho.

LINA – E eu o receberei com muito prazer.

MENESES – É breve! Quando trouxer seus diamantes, Lina, lembre-se que eles tem a forma de uma lágrima!...

CAROLINA – Este presente, minha filha, é mais rico do que o outro. Os diamantes custam às vezes muitas lágrimas e bem amargas!

MENESES – Também se podem resgatar.

LINA – Então não devo usar destas joias?

ARAÚJO – Por que não?

MENESES – Deve, porém, modestamente e sem orgulho, como de uma flor e de uma fita!

FRANCISCA – É o que eu sempre digo a Amélia; riqueza não é grandeza; assim como vem, assim vai.

CAROLINA – D. Francisca, vamos nós para a varanda? É mais alegre. Aqui está muito calor!

D. FRANCISCA – Como quiser. Não faça cerimônias comigo.

LINA – Venha D. Amélia. Sr. Pinheiro!

D. FRANCISCA – Ouça, Sr. Meneses. Quero saber a sua opinião...

MENESES – Não tenho opinião, minha senhora. Opinião é uma casaca incômoda hoje em dia. Se hei de estar a virá-la a cada canto de rua, prefiro andar com o redingote da moda, que tem duas vistas.

LINA – Não vem, meu padrinho?

BARÃO – Já vou.

CENA XI

Barão e Luís.

BARÃO – Andas triste, Luís.

LUÍS – Não; incomodado.

BARÃO – Do moral?

LUÍS – Não é nada!

BARÃO – Acho eu que é muito!... Ora pois... Durante vinte anos me puseste no costume de te ver desabafar o que ia lá por dentro. Era eu assim como um borrador de loja onde assentavas tudo... E agora já não me falas de tua vida e até foges de mim! Então...

LUÍS – Desconfiança tua!

BARÃO – Pus-me cá a parafusar e disse com meus botões: Luís que já não me conta a sua vida, aqui há cousa!

LUÍS – Não tenho que contar.

BARÃO – Ou tens vergonha de confessar?

LUÍS – Vergonha por quê, Araújo?

BARÃO – Ora supõe... É uma suposição... que tu não fazes tua mulher feliz. Não terias remorso?

LUÍS – Ela se queixou?

BARÃO – Ela!... Bem sabes que morreria antes do que...

LUÍS – Eu sou o ente mais desgraçado, Araújo! Um engano fatal fez a infelicidade de Carolina e a minha. Pensei que meu amor fosse eterno, imenso, e nada valia! O coração do homem é um vil embusteiro! O meu que eu julguei se consumisse todo com aquela paixão da mocidade, aqui está ainda, o miserável, ávido e sedento de amor! Este é o meu castigo, Araújo. Tremo dentro em mim pensando que possa vir a amar outra mulher!...

BARÃO – Serás... um cobarde, se tal acontecer!

LUÍS – Um infame, bem sei!...Tu não me condenas mais severamente que eu próprio, e não obstante...

BARÃO – Cala-te desgraçado!...

CENA XII

Os mesmos, Tavares, Sofia e Lina.

TAVARES – Creio que não chegamos tarde!

LUÍS – Ah! D. Sofia!

SOFIA – Como está D. Carolina?

TAVARES – Excelentíssimo Sr. Barão!...

BARÃO – Bom-dia, meu senhor! (vai saindo.)

LINA (entrando à Sofia.) – Julguei que não vinhas mais. Já estava preparando uma zanga que não imaginas!

TAVARES – Está hoje um calor!...

SOFIA – Pois eu adivinhando isto trouxe-te aqui meu coração, já todo crivado de alfinetes. Não estás satisfeita, má?

LINA – Ah! É uma pregadeira!... que mimoso trabalho!

LUÍS – Esses dedos são mágicos!

SOFIA – Se o fossem, em vez de crivarem os corações, haviam de sará-los!

LINA – Olha! Vou guardá-lo aqui no meio dos outros!

SOFIA – Nada! Isso foi lembrança, o presente é este! (dá-lhe dois beijos nas faces.)

TAVARES – O homem já chegou?

LUÍS – Quem? O Fernando?

TAVARES – O Vieira!

LUÍS – Pois ele vem?

TAVARES – Que tal? O meu amigo não me autorizou a convidá-lo?

LUÍS – É verdade; mas pensei que pudesse desembaraçar-se dele.

TAVARES – Entre gente de certa posição não é bonito...

LUÍS – Bem. (perturbado) Entremos!

CENA XIII

Lina, Sofia, Frederico e Luís.

SOFIA – Então, ingrata, não me agradeces?

LINA – O quê? Teu presente? Quantas vezes...

SOFIA – Não te faças desentendida! Ficaste muito admirada de vê-lo hoje em tua casa?

LINA – À quem?

SOFIA – Ora! Ao Ribeirinho!

LINA – Mas ele não está aqui.

SOFIA – Ainda não veio? Então não pode tardar.

LINA – Meu Deus!... Quem o convidou?

SOFIA – Teu pai. Eu pedi-lhe...

LINA – Sofia!...

SOFIA – Como cousa minha; nem ele suspeita. Quis fazer-te esta doce surpresa.

LINA – Oh! que belo! Mas vou ter uma vergonha!... Sinto que lhe quero muito bem, muito mesmo; e quando estou junto dele, como outro dia no baile, fico toda trêmula; minha vontade é correr para onde está mamãe.

SOFIA – Pois prepara-te que aí está ele.

LINA – Não é!... será, meu Deus?... Ah! Sofia, me esconde.

FREDERICO – Minhas senhoras!

SOFIA – Já havia quem reparasse na sua demora.

FREDERICO – Seria assim tão feliz?

LINA – Sossega, Sofia!

SOFIA – Pois estás querendo fugir!

LINA – Acho melhor irmos para a varanda onde estão os outros.

SOFIA – Que pressa é esta?

LUÍS – Sr. Dr. Ribeiro!... Queira entrar; as senhoras estão na varanda.

SOFIA (à Lina) – Então já não queres vir?

LINA – Agora, não; espera.

LUÍS – As outras pessoas que esperamos não podem tardar, Lina; vai dar tuas ordens para que o jantar não se demore.

LINA – Sim, papai!

SOFIA – Eu vou ajudar-te.

LINA – Eu não consinto. D. Francisca está ansiosa por ouvi-la cantar. Comprometi-me pela senhora.

SOFIA – Nesse caso não quero que falte à sua palavra.

CENA XIV

Luís, Sofia, depois Carolina e o Barão.

SOFIA – Mas o caminho do piano não é este!

LUÍS – Foi um pretexto, Sofia, para ter um momento de falar-lhe sem testemunhas. É preciso que eu aproveite estes rápidos e fugitivos instantes. Quando vou à sua casa, esconde-se de mim!

SOFIA – E não devo fazer?... Já basta o crime de ouvi-lo essas vezes em que não posso evitar.

LUÍS – Tem razão, Sofia, tem razão! É preciso que sua vontade, resista já que a minha alma não pode! Repila este cobarde, esmague-o com seu desprezo! Mas saiba! Este furor que se apodera de mim e me exaspera a ponto de inspirar ideias horríveis...

SOFIA – Eu lhe peço... deixe-me...

LUÍS – É a dúvida, essa dúvida cruel de não ser amado! Se eu soubesse que seu coração palpitava alguma vez por este infeliz, Sofia, eu repousaria desse horrível pesadelo de que a senhora possa amar outro homem e esposá-lo!... Seu amor me daria uma força heroica para vencer os arrebatamentos da paixão. Quando ouvisse ressoar dentro em minha alma uma voz celeste que me dissesse, ela te ama, me sentiria venturoso na minha desgraça!

SOFIA – O senhor ilude-se! Essa força não a deve tirar de mim, mas de sua mulher e de sua filha!...

LUÍS – Não fale desses nomes que me irritam!... Sim, porque me envergonham!... Sabe de que é capaz um homem para aplacar o remorso que o vai roendo?... Só a mão da mulher amada pode deitar bálsamo sobre esta chaga!

SOFIA – Pois bem, Sr. Viana, para sua e minha tranquilidade... (Carolina aparece.)

LUÍS – Acabe!

SOFIA – Eu o amei antes de saber...

LUÍS – Amou!...

SOFIA – E ainda o amo... por infelicidade minha!

LUÍS – Ah! (Carolina quer fugir, vê o Barão à porta; gesto suplicante, querendo impedi-lo de continuar.)

SOFIA – Esta palavra que o senhor arrancou de meu coração, de onde não devera sair, foi nosso adeus eterno!

LUÍS – Que diz Sofia?

SOFIA – Não nos veremos nunca mais!...

LUÍS – É impossível! O amor nos une... (toma-lhe as mãos.)

SOFIA – Um abismo nos separa!

LUÍS – Esse abismo... pode de um instante para outro desaparecer!...

CAROLINA – Ah! (Querendo fugir quebra um vaso da sala.)

CENA XV

Os mesmos, Carolina e o Barão.

CAROLINA – Foi este vaso, Luís!... Que susto me causou!... (para o Barão que a ampara.) Felizmente não me ofendeu! (tom expressivo.) Sossegue meu amigo!... Não é nada. (Correndo para Sofia) Ah! D. Sofia, não a tinha visto! Como passou?... (beija-a na face.)

SOFIA – Bem, obrigada!

CAROLINA – Não nos dará o prazer de cantar hoje alguma cousa? D. Francisca há de gostar muito de ouvi-la.

SOFIA – Quando a senhora quiser. Estou pronta.

CAROLINA – Vá buscar D. Francisca, Luís; podemos aproveitar o tempo antes de jantar. (Luís sai) Barão, ainda não ouviu D. Sofia cantar? Que bela voz!... (baixo.) Silêncio, se quer que eu viva.

BARÃO – Não posso, não está em mim.

CAROLINA – E eu pude!... mate-me então!...

BARÃO – Descanse, Carolina. Nada direi... (Sofia preludia.)

CENA XVI

Os mesmos, Luís, D. Francisca, Meneses, Amélia, Pinheiro, Frederico e Tavares.

MENESES – Que tem, Carolina!... Está de uma palidez mortal!

CAROLINA – Um susto! Sou uma medrosa.

D. FRANCISCA – Que vai cantar, D. Sofia?...

SOFIA – A Traviata, se lhe agrada, minha senhora.

FERNANDO (à Carolina) – Trago-lhe mil desculpas de minha mulher. Um incômodo repentino a privou do prazer

de abraçá-la hoje.

CAROLINA – Sinto, que fosse este o motivo.

FERNANDO – Não podia haver outro. (a Luís) Vinha com receio de chegar tarde.

MENESES – Os ricos nunca chegam tarde.

CRIADO (na porta) – Desejo falar à senhora.

CAROLINA – A mim?

CRIADO – A Sr.a D. Paulina da Fonseca manda dizer que é escusado convidá-la mais, porque ela não porá os pés nesta casa.

CAROLINA – Eu esperava!...

FERNANDO – É impossível, minha mulher não mandou este recado!

MENESES – Está certo disto, Sr. Fernando?

BARÃO (vai à porta) – Mas então que significa esta insolência?

CENA XVII

Os mesmos, Vieira e Lina.

VIEIRA (entrando) – Fala comigo, excelentíssimo?

BARÃO – E esta!... Que pretende o senhor aqui?

VIEIRA – Jantar, meu caro Barão! E são horas; quase cinco!... (Tirando o relógio.)

MENESES – Que fazes tu, Luís?

LUÍS – Eu...

MENESES – Sim! Que fazes que não mandas já correr de casa aquele réu de polícia?

LUÍS – Quem?

TAVARES (a Luís) – Aqui está o nosso comendador.

VIEIRA – Sr. Viana!... Peço desculpa de não chegar mais cedo; porém não há uma hora que recebi por meu amigo, o Sr. Tavares, seu gracioso convite. (Cortejando) Minhas senhoras!

MENESES (de parte) – Tu convidaste este ladrão, Luís?

LUÍS – Convidei-o, sim!

BARÃO (de parte) – Mentas!... Quero crer que mentas!...

CAROLINA (idem) – Luís, este homem em nossa casa, em nossa mesa!

LUÍS (idem) – Não está aí o Pinheiro, Carolina?

CAROLINA – Oh! Todos tinham o direito de lançar-me este insulto; meu marido, não!

LINA (entrando) – Mamãe, o jantar está pronto!

LUÍS – Vamos, meus senhores!

VIEIRA – D. Sofia, tenho a honra de oferecer-lhe meu braço! (Luís se interpõe.)

LUÍS – Com licença, comendador! Dê o braço à D. Francisca.

D. FRANCISCA – Nada! Eu já tenho o do Sr. Barão.

LUÍS – Então... À minha mulher!... Faça obséquio!

VIEIRA – Com o maior prazer (Os outros vão saindo.)

CAROLINA (de parte a Meneses) – Não pensava ter descido tanto, meu Deus!

VIEIRA – Minha senhora. (Meneses interpõe-se afastando Vieira.)

MENESES (à Carolina) – Recuse; isto é uma indignidade!...

CAROLINA – Não! Devo tragar o fel até à última gota! Restava-me ainda esta humilhação de todas a mais cruel!... Ser atada ao pelourinho!...

MENESES – Carolina!...

CAROLINA – Seu braço, Sr. comendador?... (pausa.)

MENESES (só) – Eis o mundo!...

Casa do Barão. — Jardim e pavilhão.

CENA I

O Barão e Meneses.

MENESES – Que significa isto?... Convidas-me para jantar em tua casa com alguns amigos e venho encontrar uma festa?

BARÃO – Quis fazer uma surpresa, a ti, como aos outros.

MENESES – Uma surpresa, hem?

BARÃO – Ouve lá o programa. Temos cinquenta pessoas a jantar da primeira gente da corte; a mesa está preparada embaixo das mangueiras, oculta por aquela cortina. Quase todos os convidados já chegaram.

MENESES – Sim! Vi uma multidão de carros à porta.

BARÃO – Além disto, espero à noite mais de quinhentas pessoas.

MENESES – Temos um baile também?

BARÃO – Então?... Cuidas que dou meias festas?... Jantaremos às seis horas; de repente as salas, o jardim, as ruas das chácaras e até os ramos das mangueiras, apareceram iluminados. O baile virá buscar-nos à mesa... Que dizes?

MENESES – É um brilhante e magnífico despropósito!

BARÃO – Já queres criticar!... Anda lá, Meneses, confessa que ficaste desapontado. Tu que descobres quanta novidade há neste Rio de Janeiro não sabias que hoje se dava um grande jantar e um grande baile, aos quais devias assistir! (rindo) Ah! ah! ah!... Queres que eu te explique... Os meus convites foram entregues hoje ao meio-dia... O Cassino devia ser no sábado; todos os toileltes estavam preparados... Então transferência do Cassino de manhã nos jornais... Não leste no teu?

CRIADO (entrando) – Está aí a velha.

BARÃO – Traga-a para cá. Já foi o carro buscar a família do Sr. Viana?

CRIADO – Sim, excelentíssimo. (sai)

BARÃO – Mas vamos lá, continua com tua crítica. Achas que falta alguma coisa aqui?

MENESES – Acho.

BARÃO – O quê? Música, temos três. O serviço é magnífico, preparado pelo Guimarães... Ah! querias arcos...

MENESES – Não é nada disto.

BARÃO – O que é então?

MENESES – Juízo, juízo, juízo!

BARÃO (ri-se) – Ora!

CENA II

Os mesmos e Helena.

HELENA – V. Ex. mandou-me chamar?

BARÃO – Já te falo meu rabugento! (Meneses afasta-se.) Mandei chamá-la sim e com empenho; quero que me faça um favor.

HELENA – Eu, Sr. Barão!

BARÃO – Por que não?... Soube por meu amigo, o Sr. Meneses, que você já se tinha emendado da má vida que teve. Incumbi aí a um sujeito de indagar disso e as informações que tive não são más. Ainda restam algumas

cousinhas; mas enfim já se pode dizer que é uma mulher bem procedida.

HELENA – Não se pode fazer tudo de uma vez, Sr, Barão; bem trabalho comigo...

BARÃO – E continue a trabalhar que Deus lhe ajudará. Quanto ao favor que lhe quero pedir é ficar aqui esta noite.

HELENA – V. Ex. precisa que eu lhe faça algum serviço?...

BARÃO – Depois lhe direi; espere naquele pavilhão e feche a porta para que não a vejam.

(Helena entra na parte fechada do pavilhão.)

CENA III

Barão e Meneses.

BARÃO – Com que então me achas falto de juízo por gastar alguns contos de réis? Ora adeus! É preciso que a gente descanse; ganhar sempre aborrece.

MENESES – Deita as tuas barras de ouro pela janela fora se isto te diverte; mas não as atires à cabeça de teus amigos!

BARÃO – Esta é melhor!... Mas eu não entendo.

MENESES – Quando entrei vi o carro do Fernando; ele está aí?

BARÃO (sorrindo) – Está, e D. Paulina também.

MENESES – Depois do que tem havido não vês que cometes uma crueldade, pondo Carolina em face daquela mulher.

BARÃO – Talvez seja uma lição!

MENESES – Eis o teu erro, Araújo, que também foi o erro de Luís.

BARÃO – Tu não sabes o que eu pretendo fazer!

MENESES – Dize-me então.

BARÃO – Nada! É meu segredo!

MENESES – Pois guarda-o; não preciso que me contem o que estou vendo.

BARÃO – Presunção!

MENESES – Em tuas salas, onde não entrei, estão neste momento além de D. Paulina e o marido, o Tavares, o Vieira, o Ribeiro, todos os que foram testemunhas do escândalo do baile, e que uma circunstância qualquer prende à vida de Carolina.

BARÃO – Simples acaso.

MENESES – Dos personagens que representaram no drama da vida de Carolina, só faltava uma que não podia entrar na sala. Helena espera naquele pavilhão.

BARÃO – Que mais?

MENESES – Aqui em torno de mim não vejo o luxo, que o deus moderno, o dinheiro, derramou com prodigalidade para ofuscar a razão e abafar-lhe os escrúpulos?

BARÃO – Afinal que conclusis?

MENESES – Queres seduzir o mundo, meu Araújo!

BARÃO – E duvidas que o consiga?

MENESES – Ao contrário; acredito. Tens todas as condições para isso. És muito rico, rico de pedra e cal, e não desses ricos de papelório que andam aí a tremer com qualquer sopro. Ofereces, pois, uma garantia sólida a essa barriga chamada sociedade que vive de bailes e jantares. És honrado; a honra pouco vale hoje em dia; nos pobres ninguém a percebe; mas nos ricos é um título apreciado pela sua raridade, e difícil de obter-se. Com quaisquer contos de réis se é barão ou comendador em quinze dias; para ser honrado é preciso gastar muito milhão de coragem durante uma vida inteira! Ora desde que aparecerem em ti

sintomas suspeitos, todos te excitarão. A queda de uma virtude é sempre aplaudida pelo mundo.

BARÃO – Acabaste?... Ouve agora. Não sou como tu um homem instruído, mas tenho cá as minhas ideias. Pensei comigo!... Carolina ainda pode ser feliz; mas para isso é preciso que se veja rodeada do respeito e da estima do mundo; isso destruiria a desconfiança em que vive. Ela ainda é bonita, mais do que a tal Sofia. Luís vendo a mulher respeitada pela sociedade, esqueceria sua loucura, e se tornaria bom marido.

MENESES – É bonito de dizer; mas o fazer?...

BARÃO – Não disseste que eu levarei a minha avante?

MENESES – Tu!... O Barão de Castro alcançará um triunfo brilhante, porém a vítima e o troféu desse triunfo, o que será dela? Atada ao carro do triunfador, cada aplauso custará uma ironia, se não for um insulto, para a pobre mulher que arrastares ao teu braço.

BARÃO – Deixa-te disso! Também eu conheço o mundo.

MENESES – Tu enriqueceste nele e eu empobreci. O mundo é uma grande criança de que nós somos os bonecos. Nunca reparaste numa cousa. O menino a quem se dá um brinquedo, começa por mordê-lo, e espedaçá-lo; se o brinquedo resiste, joga-o fora; se quebra-se, então o amima e afaga.

BARÃO – Queres com isto dizer...

MENESES – Se Carolina transigisse com o passado acharia na sociedade esquecimento e prazeres; mas tu conheces a rigidez de sua consciência e a severidade com que ela se condena a si mesma!... A grande criança não gosta dessas bonecas que não quebram!...

BARÃO – Hás de ver.

MENESES – Desengana-te, Araújo; para as almas que se regeneram por uma sublime expiação, só há um refúgio: o santuário da família! Se aí Luís não se curar de sua loucura e esquecer Sofia...

BARÃO (para fora) – Por aqui!

CENA IV

Os mesmos, Luís, Carolina e Lina.

CAROLINA – Fez mal enganar-me, Araújo!

BARÃO – Ralhe, ralhe comigo quanto quiser! (a Luís)
Como estás?

CAROLINA – Se eu soubesse que se tratava de uma grande reunião, decerto não tinha vindo.

BARÃO – Vejo então que fiz muito bem; não achas, Luís?
E minha afilhada também está arrependida?

CAROLINA – Ela pode ficar com Luís; eu não, não posso.

MENESES – Pensa muito bem!

LUÍS – Eu te acompanho, Carolina.

LINA – Sem mamãe eu também não fico.

BARÃO – Pois hão de ficar todos!... Ora! Há tantos anos que vivo a fazer a vontade aos outros, um dia quero fazer a minha para saber que gosto tem isso. Estão todos presos; eu já previa o que acontece; mandei fechar os portões da chácara; são perto de cinco horas; não há remédio senão renderem-se à fome!

CAROLINA – Deixo a você decidir, Araújo!... Julga que eu possa estar satisfeita nesta reunião?

BARÃO – Se me tivesse amizade, e depositasse confiança no meu caráter, não faria tal pergunta.

CAROLINA – Fico! Está satisfeito?

LINA – Olhe, papai, globos para iluminar o jardim! Como há de ser bonito!...

BARÃO – Dê cá o braço Carolina. Venha, Lina, com sua mãe, tirar a capa.

CENA V

Meneses e Luís.

MENESES – Estás vendo, Luís, como o nosso Araújo vai se saindo? Que luxo! Aposto que ainda não reparaste?

LUÍS – Já.

MENESES – É uma festa esplêndida!... Nunca pensei que ele tivesse tão bom gosto! Está bem arranjado. Que dizes? Não te agrada esta riqueza?

LUÍS – Queres que te fale com franqueza, Meneses? Tudo isto já me aborrece e me assusta!... Meu desejo é voltar à roça e ali enterrar-me vivo.

MENESES – Mas isto é resolução nova?

LUÍS – De uma semana!

MENESES – Que te fez o Rio de Janeiro, então?

LUÍS – Fez de mim um cobarde e ia fazendo um grande perverso! Um anjo salvou-me!... Posso confessar-te hoje

que me sinto salvo!...

MENESES – Fala!... Teu silêncio me assusta!

LUÍS – Lembras-te do que me aconteceu há dois anos com o Tavares?

MENESES – Do ataque que ele teve à noite quando o encontraste na rua e o livraste da morte?

LUÍS – Justamente. Sofia mostrou-se muito agradecida; frequentei sua casa, e de repente conheci que a amava e ela me correspondia!... Foi uma infâmia, não crês?

MENESES – Sabia essa moça que tu eras casado?

LUÍS – Não! Eu era na véspera um desconhecido, no outro dia um amigo da casa; esqueci-me de falar da minha pessoa, tão alheio andava; ninguém me interrogou. Logo, porém, que Sofia mostrou-se inclinada para mim, fiz um esforço e declarei tudo. Ela empalideceu e retirou-se sem proferir uma palavra. Eu parti para a fazenda.

MENESES – E a esqueceste junto de Carolina.

LUÍS – Não, infelizmente não; não a esqueci, mas resignei-me!... Vindo segunda vez ao Rio de Janeiro, encontrei-me com Sofia uma e muitas vezes. Ela amava-me, como podia amar; em silêncio, e a seu pesar! Sucumbi; entreguei-me a

essa paixão insensata que me obrigou a mudar para a corte. Inventei pretextos; o motivo era esse.

MENESES – E teu amor nunca foi aceito por Sofia?

LUÍS – Nunca! Outro dia, nos anos de Lina, aproveitei um momento de estar só com ela para arrancar-lhe a confissão. Eu estava louco, fora de mim!... Quando Sofia iludida pelo juramento que lhe dei, proferia a terrível palavra... Ouço um grito... Carolina estava na sala.

MENESES – Que fez ela?

LUÍS – Disfarçou! Teve a sublime coragem de beijar Sofia e sorrir a mim que acabava de fazer um voto ímpio!

MENESES – Qual?

LUÍS – Custa-me dizer! Poupa-me essa vergonha!

MENESES – Dize; é preciso cauterizar a consciência enferma.

LUÍS – O de sua morte!...

MENESES – O do assassinato viria depois!

LUÍS – Oh! é horrível!... Felizmente Deus salvou-me pela mão desse anjo! Sim, Meneses! O heroísmo de Carolina, sua misericórdia celeste para o meu crime, sua nobre

dignidade ante o meu insulto, tudo isto a elevou tão alto em minha alma, e abaixou-me tanto em meu remorso que eu a adoro! Mas de longe, humilde, envergonhado, contrito!

MENESES – Graças a Deus, Luís! Eu tremia por ti... Ainda és o homem honesto de quem fui amigo e sou! Devias sofrer muito para chegar ao ponto de insultar tua mulher!

LUÍS – É verdade! Matá-la seria apenas um crime; insultá-la foi uma baixeza!

MENESES – Mas Carolina ainda não sabe de teu arrependimento?

LUÍS – Ainda não! Tive vergonha de confessar-lhe... e medo!

MENESES – Medo?...

LUÍS – Ela pode crer que é fingimento meu para enganá-la. É preciso que se convença por si mesma de minha sinceridade.

MENESES – Tens razão!

LUÍS – Que benefício me fez esta conversa, Meneses. À quanto tempo não conversamos?... Sinto-me contente! Agora é que vejo este jardim! É realmente encantador; vamos até aquele lago.

(Começa o passeio dos convidados pela chácara.)

CENA VI

Vieira e Tavares (no pavilhão).

VIEIRA – Meu caro Sr. Tavares, sentemo-nos por aqui. Tenho que falar-lhe sobre um negociozinho.

TAVARES – Agora?

VIEIRA – É urgente! Mas não se assuste; fique certo que não o hei de comprometer.

TAVARES – Bem sabe o meu amigo comendador que um homem em certa posição deve zelar os seus créditos.

VIEIRA – Pois eu não o conheço?... O caráter mais severo! Até peca pelo excesso!

TAVARES – Nestes tempos é preciso!

VIEIRA – Justamente; nestes tempos é preciso que a gente arranje alguma cousinha para manter sua independência. O senhor sabe que o Fernando está tísico!

TAVARES – Há muito tempo.

VIEIRA – Outro dia me disse o Dr. Lopes que não lhe dava seis meses. Ficaré uma viúva ainda moça e sofrivelmente apatacada. Ora, meu caro Sr. Tavares, eu creio que estou reservado para um casamento rico. Sério! três vezes tentei casar-me com moças pobres, e roeram-me a corda.

TAVARES – Pretende então propor-se à D. Paulina!

VIEIRA – Já me propus, meu caro!

TAVARES – Oh! Estranho muito um tal proceder! Ainda vivo o marido!

VIEIRA – Mas venha cá! Que pensa o senhor que há de suceder morrendo o Fernando? D. Paulina não tem parentes na corte. Cai-lhe em casa uma súcia de marrecos, advogados, procuradores, sócios e caixeiros, que irão logo tratando de arredar os amigos desinteressados e prestimosos como o Sr. Tavares; e em menos de um ano darão cabo da herança!

TAVARES – Isso é verdade!

VIEIRA – D. Paulina precisa pois de um amigo de confiança que a ampare nessa desgraça e zele seus interesses. É uma obra de caridade, meu caro Sr. Tavares; amparar a viúva!...

TAVARES – Vista a cousa por este lado... Mas ainda tenho minhas dúvidas.

VIEIRA – Não se lembra daquele nosso camarada deputado que se propôs candidato a senatoria, quando o outro ainda estava vivo?...

TAVARES – Tenho uma ideia.

VIEIRA – Pois é o mesmo; a minha senatoria é D. Paulina. As cousas iam muito bem; no último baile do Fernando julguei certa a minha conquista; mas na despedida, não sei o que houve... Cuidei que fosse algum arrufo, por ciúmes. Mas sem dúvida me intrigaram, e não passou desse tratante do Meneses, homem de minha especial birra! Ele não me gosta, porque lhe sei da crônica. Mas o caso é que a D. Paulina não me apareceu mais. Julguei que fosse ao jantar da tal Carolina e por isso meti-me em sua casa e fiz-me convidado.

TAVARES – Ah! Foi por isso?

VIEIRA – Mas a tal sujeita logrou-me a mim e a Carolina. Que tábua bem pregada, hem? Enfim, meu caro Sr. Tavares, é preciso que eu fale à D. Paulina hoje sem falta; e só vejo um meio. Ofereça-lhe o braço para dar um passeio pela chácara e traga-a para esses lados...

TAVARES – O Sr. comendador, devia conhecer a pessoa com quem fala! Não se pedem cousas desta ordem à um homem delicado e respeitável. Pela amizade que lhe tenho

farei como se nada soubesse! Outro indivíduo se arrependeria...

VIEIRA – E o senhor não se arrependerá Sr. Tavares? Olhe lá!

TAVARES – Sou inabalável. Isto não quer dizer que não ofereça meu braço a D. Paulina, como costume. É uma senhora a quem muito preso. Se ela quiser vir para estes lados... é lá por sua conta; eu lavo as mãos em todo este negócio!...

VIEIRA – Cada vez o respeito mais!... Realmente é um caráter que eu admiro!... (Sai Tavares. Vieira fica esperando com impaciência, ora sentado, ora passeando.) Que refinado patife!... Oh! oh! oh...

CENA VII

Ribeiro e Frederico (de braço).

RIBEIRO – Estás hoje muito contente, Frederico? Não se pode saber por quê?

FREDERICO – É um segredo, meu pai. Depois lhe direi; agora não; estou tão comovido!

RIBEIRO – E se eu adivinhar?

FREDERICO – Duvido!

RIBEIRO – Na tua idade só os olhos da mulher que se ama produzem dessas alegrias repentinas!...

FREDERICO – E se fosse isto, ficaria zangado comigo?

RIBEIRO – Por que motivo?... Teu coração te pertence; podes dá-lo livremente; e tenho a certeza que só o darás aquela que for digna dele!...

FREDERICO – Fosse eu digno dela!... Que anjo de graça e beleza!

RIBEIRO – Lá se vai o teu segredo. Agora só falta o nome!

FREDERICO – Pois não lho direi, senão esta noite, quando voltarmos; então lhe pedirei também um consentimento...

RIBEIRO (sorrindo) – Que eu estou disposto a negar!...

FREDERICO – Duvido!... Vm. não há de ser tão mau!... Mas vamos para a sala... Parece-me que não a vejo há um século.

RIBEIRO – Por cá, para não nos encontrarmos com aquele homem.

FREDERICO – O Vieira? Ah! Não sabe, meu pai? A pouco estive quase à castigar-lhe a insolência. Disse cousas

horríveis de D. Carolina, uma senhora tão virtuosa...

RIBEIRO – Calúnias!... Não acredites naquele traste... Foge dele!

CENA VIII

D. Francisca, Amélia, Pinheiro, Vieira, Meneses, Luís e Fernando.

VIEIRA – Que maçada!... Agora aí vem a tagarela da fazendeira!

D. FRANCISCA – Está lealmente muito bonito? Quanto custariam estes vasos?... Quero comprar seis para a fazenda. Lembra-me Amélia!

AMÉLIA – Sim, mamãe!

PINHEIRO – São muito elegantes!

D. FRANCISCA – Hão de servir mesmo para o dia. Pretendo dar um banquete igual a este. O barão já me prometeu emprestar os seus criados...

VIEIRA – Então já está marcado o dia!...

D. FRANCISCA – À 10 de agosto, se Deus quiser!

VIEIRA – Eu aproveito a ocasião para lhe dar os parabéns. Realmente o Pinheiro merece!

D. FRANCISCA – É muito boa pessoa.

VIEIRA – Sem dúvida! Somos amigos velhos; eu o conheci bem rico!... Em menos de um ano perdeu tudo, coitado!

D. FRANCISCA – Já sei disso!

VIEIRA – Mas aposto que não sabe do que ele fez quando ficou pobre? Que coragem de homem! Comprou um tálburi...

D. FRANCISCA – O senhor está enganado comigo, Sr. Vieira. Eu não sou da corte; quando as cousas não me agradam, vou dizendo; não tenho cá etiquetas. Fique sabendo que não gosto do senhor e é obséquio não me falar...

VIEIRA – Mil perdões, excelentíssima, se a ofendi! Eu queria dizer...

D. FRANCISCA – É escusado!... Nada do que o senhor disser eu acredito!

VIEIRA – Pois eu sei certas cousinhas!...

D. FRANCISCA – Ouça. Sr. Pinheiro?

PINHEIRO – O que é D. Francisca?

VIEIRA – Por delicadeza eu me retiro.

D. FRANCISCA – Pois não, vejam o tal Vieira a desfazer no senhor?

AMÉLIA – Eu tenho uma birra desse homem!

PINHEIRO – Que disse ele?

D. FRANCISCA – Que o senhor tinha sido um gastador e perdulário...

PINHEIRO – Era de esperar!

LUÍS – Não acredite em semelhante homem, D. Francisca! É um...

MENESES (interrompendo para D. Francisca) – Perdão. Mas não lhe contou, aposto, que o Sr. Pinheiro vendeu o que lhe restava para pagar uma dívida de honra, e reduzido à última miséria, não tendo que comer um dia, preferiu ganhar o sustento pelo trabalho, a infamar-se no crime ou enxovalhar-se mendigando de casaca e luva. Isto não lhe contou ele!

D. FRANCISCA – Eu sabia tudo isto, Sr. Meneses. D. Carolina, minha amiga, contou-me as extravagâncias aqui

do senhor, antes de o apresentar. Amélia o absolveu de tudo!...

PINHEIRO – Como um anjo de bondade que é!

MENESES (de parte a Luís) – Não podes falar do Vieira... depois que o fizeste dar o braço à tua mulher!

LUÍS – É verdade!... Que vil homem sou eu!

D. FRANCISCA – Não sei como o barão convida um homem desta qualidade para sua casa!... E já viram como ele está escandaloso com aquela sujeita toda emproada...

PINHEIRO (vendo Fernando) – Olhe o marido!... Creio que ouviu!...

D. FRANCISCA – Melhor!

LUÍS (vendo Sofia) – Ela!... Veio!...

MENESES – Ainda te faz estremecer!...

LUÍS – De terror!...

FERNANDO – Viu minha mulher, Sr. Viana?

LUÍS – Ainda não tive este prazer.

FERNANDO – Cuidei que estivesse por aqui. (Suspeitoso.)

CENA IX

Sofia e Lina.

(Outras moças e cavalheiros pelo fundo.) SOFIA – Onde me levas?

LINA – Aqui onde ninguém nos ouça!

SOFIA (rindo) – Que horrendo mistério!

LINA – Zombas? Pois eu não te conto, má!

SOFIA – Se tua carinha está contando!

LINA – Pois dize o que é!

SOFIA – Ele te deu um heliotrópio que tu escondeste no seio, mas está aí aparecendo...

LINA – Só?

SOFIA – Heliotrópio significa “eu te amo!”. Sabias?

LINA – Ele me disse!

SOFIA – Olhem o sonso! E depois?

LINA – Jurou que seu amor seria eterno!

SOFIA – E tu?

LINA – Eu ... também jurei! Com a cabeça!

SOFIA – Estão adiantados! Nunca pensei que o tal Sr. Dr. Ribeirinho fosse tão animoso!

LINA – Se tu visses como ele estava trêmulo!...

SOFIA – E tua mãe já sabe disso?

LINA – Não tenho ânimo de lhe dizer!

SOFIA – Mas a ele tiveste ânimo?

LINA – Ele me perguntou, senão... Mas esta noite eu juro que hei de contar tudo, tudo, à mamãe.

SOFIA – Fazes muito bem!

LINA – Ainda não há muitos dias, ela me disse que hei de casar com quem for de meu gosto!

SOFIA – Então é negócio decidido!... Mas quando fizeram vocês tudo isso?

LINA – Enquanto foste tocar. Na janela...

SOFIA – Por isso eu o achei tão contente quando voltei.

LINA – Vamos, senão ele é capaz de ficar zangado por não me ver!

HELENA (na porta do pavilhão) – Que desgraça, meu Deus!

CENA X

Helena e Frederico.

FREDERICO (vendo Helena) – Ah! (afasta-se)

HELENA – O senhor não é filho do Sr. Ribeiro?... o Dr. Frederico!

FREDERICO – Sim, por quê?

HELENA – O senhor gosta de D. Lina?

FREDERICO – Que tem você com isto?

HELENA – Quer casar com ela? Mas isto vai matar a pobre Carolina!

FREDERICO – Que diz, mulher?... Qual é a causa desse espanto?

HELENA – Uma cousa horrível, que me faz tremer... Venha, que eu lhe digo! Aqui neste lugar para que ninguém nos ouça... Que desgraça!...

CENA XI

Meneses, Carolina, D. Paulina, Tavares, Vieira e Fernando.

CAROLINA (ao braço de Meneses) – Além disso, vivo tremendo por causa de Lina!

MENESES – Que tem ela?

CAROLINA – Tem mudado muito estes últimos dias. Às vezes muito contente; outras pensativa e distraída!... Tenho suspeitas horríveis de que ela já ame...

MENESES – A quem?

CAROLINA – Ao filho... do Ribeiro!

MENESES – Não se aflija! É a sua imaginação! Você precisa sair do Rio de Janeiro... Uma viagem lhe faria muito bem!

CAROLINA – Se eu não levasse a minha consciência na bagagem. (desaparecem ao passo que outros aparecem ao lado oposto.)

TAVARES – Que remédio, D. Paulina, senão suportar! Com licença. (Desvencilhando o braço a pretexto de tomar uma pitada.)

D. PAULINA – Pois olhe, Sr. Tavares, se não fosse meu marido ter certas letras cora o barão eu não ficava aqui um instante!

TAVARES – É o que eu sempre digo; as considerações sociais sujeitam a gente a muita cousa... (Chega Vieira.)

D. PAULINA – Mas isto não se faz! Obrigar uma senhora a se misturar com uma mulher dessa casta! E verão que lhe há de tocar na mesa melhor lugar que a mim?

TAVARES – Será possível?

VIEIRA – Realmente toda a sociedade está indignada com o procedimento do barão! Que querem? O dinheiro dá muita cousa mas não dá educação!

D. PAULINA – Dizia, Sr. Tavares?

VIEIRA (a Tavares) – Ah! Sua filha está chamando-o.

TAVARES (à D. Paulina) – Um instante...

PAULINA – Também vou!

TAVARES – Nada; já volto!

VIEIRA – Fique, preciso lhe falar.

PAULINA – Deixe-me passar!

VIEIRA – Há de ouvir-me!

PAULINA – O senhor quer me comprometer?

VIEIRA – Quem se compromete é a senhora! Por que foge de mim, e nem ao menos me quer ouvir?

PAULINA – Porque vi o abismo em que ia cair... Já andavam falando de mim. Vá embora! Aí vem gente.

VIEIRA – Irei; mas receba esta carta que lhe escrevi receando que não lhe pudesse falar.

D. PAULINA – Não quero! (Joga ao chão.)

VIEIRA – Se não a apanhar fica aí para quem quiser ler.

PAULINA – Que fique! (volta-se) Meu marido!

VIEIRA (fugindo) – Arranje-se agora com ele!

PAULINA – Infame! (corre para apanhar a carta, o marido chega e lhe agarra pelo pulso; aparece Carolina e Meneses.)

FERNANDO – Dê-me esta carta!

PAULINA – Fernando!

FERNANDO – Cala-te, miserável! (abrindo.)

MENESES (à Carolina) – Onde vai?

CAROLINA – Esconda-se!... (a Fernando) Esta carta me pertence!

FERNANDO – À senhora? Não é possível!

CAROLINA – Restitua-me, Sr. Fernando! não tem direito de a ler. (recebe.) Pois o senhor não vê que um homem da qualidade do comendador Vieira só se animaria a escrever a uma desgraçada, como eu?... Lembra-se do que fui?...

FERNANDO – E como se achava a carta na mão de minha mulher!

CAROLINA – D. Paulina teve compaixão de mim e quis obrigar o Vieira a receber de novo esse indigno papel!

PAULINA – Envergonhe-se do conceito que faz de sua mulher!... Todos os senhores são assim; a menor cousa já suspeitam uma traição, um crime! Se me tivesse falado com brandura...

FERNANDO – É verdade o que a senhora diz, ou é um pretexto para defender?... (à Carolina.)

CAROLINA – Duvida!... Leia: “Se não fizer o que lhe peço se arrependerá. A senhora bem sabe que eu posso perdê-la

agora mesmo e fazer sair desta casa corrida de vergonha.”
— Então?...

FERNANDO – Que canalha!...

CENA XII

Os mesmos e o Barão.

BARÃO – Já estão com fome?... Pouco se demora!...

FERNANDO – Ouça barão! Para que admite o senhor em sua casa este Vieira?

BARÃO – Verá daqui a pouco!

FERNANDO – O senhor não sabe...

BARÃO – Ora!... (aos criados) Toque a música para chamar as pessoas que andam passeando!

PAULINA – A senhora vingou-se generosamente, salvando-me. Peço-lhe que me perdoe as ofensas que lhe fiz!

CAROLINA – Nada tenho que perdoar! O que a senhora fez outra faria!...

PAULINA – Quero que seja minha amiga... Promete?...

CAROLINA – Não sou digna... Aí vem, seu marido... Afaste-se para que ele não suspeite...

MENESES (aparecendo) – Carolina você é uma santa!

CAROLINA – Quer ajudar-me a salvá-la.

MENESES – Diga!

CAROLINA – O Vieira tem cartas dela e a ameaça...

MENESES – Basta! Eu as tomarei!

(Vêm chegando os convidados.)

CENA XIII

Todos menos Frederico e Helena.

CAROLINA – Onde estará Luís?

MENESES – Não o vejo!

CAROLINA – Acho-o tão triste hoje! E Lina? Procure-a.

MENESES (vendo Luís) – Ah! Lá está ele!...

VIEIRA (dando o braço a Sofia) – Ora diga, D. Sofia, não é realmente mal empregada a riqueza em um labrego. Que brutalidade!... Fazer-nos jantar embaixo das árvores.

SOFIA – É mais fresco!...

TAVARES – Não é próprio de pessoas de certa posição!

MENESES (à Lina no pavilhão) – Que tem você, Lina?

LINA – Nada! Me deixe, Sr. Meneses.

MENESES – Por que separou-se das outras?

LINA – Fui eu?... Elas todas é que estão fugindo de mim! Até Sofia, tão minha amiga! Ainda há pouco... só me abraçando... e agora nem me fala!

MENESES – Deixe-se disto! Venha para junto de sua mãe! O jantar não tarda.

LINA – Não vou! Minha vontade é chorar!...

CRIADO (alto) – S. Ex. está servido!... (correm-se as cortinas.)

BARÃO – Chamam-nos para a mesa, minhas senhoras; antes porém de nos sentarmos desejo dizer algumas palavras às pessoas que me fizeram a honra de aceitar o meu convite!

VIEIRA – Vai se dar ao desfrute!

BARÃO – Permitem?

VOZES – Ouviremos com o maior prazer!

MENESES – Seu padrinho vai fazer um discurso! Não quer ouvir? (saindo do pavilhão para o jardim.)

LINA – Eu não! Estou zangada! (fica no pavilhão.)

BARÃO – Meus senhores, eu sou um homem muito esquisito. Nasci pobre e até meus vinte e três anos nunca soube o gosto que tinha trazer no bolso cinquenta mil réis. De repente, tive acesso, como dizem lá no batalhão de que me fizeram comandante, fui promovido de pobre a rico. Sentei praça de caixeiro há quinze anos e já cheguei a barão. Por isso tenho ainda muito defeito da gente pobre, que ainda não pude perder!

MENESES – Prefiro estes defeitos ao teu dinheiro!

VOZES – Apoiado!

BARÃO – Ora um dos meus defeitos é gostar de ver as cousas direitas e no seu lugar. Tem-se dado nesta terra muito banquete a gente grande, políticos e ricos, mas não me consta que se tenha oferecido uma festa à virtude... Isto é, eu não pretendo dizer que aquelas pessoas não fossem virtuosas; como são também as que me fizeram a honra de

vir hoje a minha casa... Mas eu quero a virtude... só, sem mais nada, de modo que... Meneses, tu bem me entendes ajuda-me a explicar isto!

MENESES – Todos nós compreendemos perfeitamente o pensamento do nosso amável barão!

VOZES – Sem dúvida!

VIEIRA (baixo a Tavares) – Menos eu!...

MENESES – Ele quer dizer que tencionando honrar a virtude e dedicar-lhe uma festa, de propósito escolheu a virtude pobre, obscura que depois de uma luta heroica subiu a maior altura à que pode chegar à santidade da mulher!... Buscou uma virtude singela e não adornada como o das senhoras presentes, pela posição, riqueza, formosura e outros dotes!

BARÃO – Justamente!

VOZES – Bravo! bela ideia!...

BARÃO – Aqui estão pessoas que eu muito respeito não só pelo lugar distinto que ocupam na sociedade, como pela sua inteligência e honradez! espero que todas se unam a mim com prazer para prestarmos esta homenagem de consideração a uma digna esposa e mãe! Seu braço D. Carolina; o lugar de honra lhe pertence!

VOZES – Muito bem!... muito bem!

CAROLINA – Tenha dó de mim.

BARÃO – Aceite!

VIEIRA – Desceu, meu caro Sr. Tavares?

TAVARES – Confesso que não.

VIEIRA – O velho deu em gaiteiro!... (rumor de conversa entre os convidados.)

MENESES – Que te disse eu? A sociedade já murmura pela boca de Vieira!

BARÃO – Do Vieira!... Então é a canalha! (Fala a um criado o qual vai ao pavilhão buscar Helena.)

VIEIRA – Não tarda que os carroceiros feitos barões deem bailes para nos fazer dançar com as pretas da fazenda!...

BARÃO – Ainda não acabei, meus senhores. Sendo este jantar a festa da virtude é claro que não deve aqui estar a vergonha dos homens de quem se pode dizer tudo, mas eu me contento em dizer um nome! Chamam-no por zombaria o comendador Vieira!

VIEIRA – O senhor me insulta! (Helena aparece.)

BARÃO – Eu o expulso!... Esta mulher...

VIEIRA – Helena!

BARÃO – Helena! sim, que foi sua companheira outrora e se emendou ocupará o lugar que a princípio lhe tinha reservado na mesa de meus criados, mas do qual vejo que ainda não é digno. O seu é na casa de correção.

VIEIRA – Entrego o que diz ao mais soberano desprezo. E me retiro por dignidade... própria. (Risadas.)

BARÃO – Agora meus senhores, podemos jantar.

CAROLINA – Espere, meu amigo, não vejo Lina! (Carolina solta-se do braço de Araújo e busca a filha entre o jardim; os convidados caminham para a mesa; Meneses demora-se à espera de Lina; e o barão depois de chegar à mesa volta em busca de Carolina e chega no fim da cena em tempo. Enquanto isto correm as cenas seguintes o mais rápido possível.)

CENA XIV

Lina e Frederico (no pavilhão).

FREDERICO (saindo) – Ah!...

LINA (sorrindo) – Que susto me causou!...

FREDERICO (quer fugir e volta) – D. Lina, nunca mais a verei! Adeus e para sempre!...

LINA – Meu Deus!... Que tem o senhor...

FREDERICO – Um segredo terrível, que acabo de saber!

LINA – Que segredo!... Eu estou tremendo!...

FREDERICO – Adeus; esqueça-se deste infeliz!

LINA – Que lhe fiz eu, para me falar assim?

FREDERICO – Uma fatalidade pesa sobre nós!... Basta que eu a saiba e sofra!

LINA – E eu não sofro?... O senhor mata-me e nem me diz por quê!...

FREDERICO – Oh! sim! Devo confessar-lhe para que não me acuse... e se esqueça de mim!... Uma mulher que lhe viu nascer... ali... neste instante me contou. Nós somos, D. Lina!...

LINA – O quê? (Carolina chega correndo.)

FREDERICO – Nós somos irmãos.

LINA – Irmãos!...

CAROLINA – Ah! (grito pungente.)

LINA (correndo a ela) – Minha mãe... É verdade! Ele é...

CAROLINA (caindo de joelhos) – Perdão, minha filha!

CENA XV

Os mesmos e o Barão.

BARÃO (no jardim sem vê-la) – Carolina?

LINA – Desgraçada de mim!...

CAROLINA – Perdão!...

MENESES – Vês!

BARÃO – O quê?

MENESES – A mulher que reergueste perante a sociedade ali está rojando no pó aos pés de sua filha!...

(Lina desmaia nos braços de Frederico.)

Em casa de Luís. A sala do conhecido.

CENA I

Luís e Barão.

LUÍS – Imagina que noite horrível passou ela!... Agora está mais tranquila; porém ainda não quis ver a filha...

BARÃO – Maldita lembrança foi a minha de mandar a Helena para o tal pavilhão!

LUÍS – Não te aflijas, Araújo. Quando saí ontem da tua casa, vinha sucumbido; agora estou mais animado, achei o meio de remediar o mal.

BARÃO – Qual?

LUÍS – Verás; mandei chamar Lina e ela não deve tardar. Pobre menina! Seu desmaio que tanto nos assustou foi uma felicidade. Ela sabe apenas, que Frederico é seu irmão!

BARÃO – Esse pouco!...

LUÍS – É preciso porém que ela não veja mais o Frederico. A Helena contou tudo!...

BARÃO – Que tinha aquela bruxa de meter-se nisso. Há de ser ruim toda sua vida!

LUÍS – Coitada! Ficou tão fora de si ouvindo Lina falar em seu casamento com... o irmão!...

BARÃO – Viesse prevenir-me.

LUÍS – Nem tudo ocorre (sentindo passos.) Aí vem Lina. Julgas Araújo que um médico deva mentir para salvar o doente?...

BARÃO – Homem... Se não há outro meio!

LUÍS – Então posso eu também mentir para salvar minha filha.

CENA II

Os precedentes e Lina.

BARÃO – Está melhor, Lina?

LINA – Já estou boa, meu padrinho.

BARÃO – Mas acho-a ainda tão abatida... Acabou de chorar!

LINA – Chorei à toa.

LUÍS – Minha filha, mandei te chamar para falarmos à respeito do que soubeste ontem sobre esse moço... o Frederico...

LINA – Para que papai; eu sofro tanto quando me lembro disso!... Minha vontade é esquecer tudo; mas não posso!

LUÍS – O amor de irmão é tão doce, Lina!

LINA – Oh! eu desejava bem ter um irmão; mas queria que fosse outro e não o Sr... o Sr. Ribeirinho!

LUÍS – É natural essa repugnância; com o tempo te habituarás... Mas devo-te revelar o segredo...

LINA – Não, papai! Não quero saber nada mais! Basta já o que mamãe tem sofrido! (espanto do barão.)

LUÍS – Tua mãe se agoniza por ver sua filha triste e chorosa!

LINA – Só?... Mas eu ficarei alegre; eu prometo! Vou dizer-lhe que não estou mais triste!

BARÃO – Espere, ouça primeiro a seu pai!

LINA – Não é preciso!

LUÍS – É muito; para que me possas perdoar o desgosto que te causei!

LINA – Papai?...

LUÍS – Sim. Antes de conhecer tua mãe tive a infelicidade de amar a uma senhora... a mãe de Frederico...

LINA – Então ele é...

LUÍS – Meu filho!

LINA – E por que não tem seu nome? E não vive em nossa casa?

LUÍS – Não podia lhe dar um nome e chamá-lo para minha companhia sem fazer a desgraça de sua mãe. Resignei-me a amá-lo de longe. Como poderia eu imaginar que sucedesse...

LINA – Bom papai!... Acabou-se?... Esqueça-se disso!

LUÍS – E tu me perdoas?

LINA – Onde é que já se viu um pai pedir perdão à sua filha?

LUÍS – Quando é culpado!

LINA – Eu não sei se é, nem quero saber!

BARÃO – Bravo, minha afilhada! Muito bem! Eu já sabia que você era uma menina de muito juízo; mas agora vejo que já é uma senhora!... Ora uma senhora precisa de uma mucama para sua companhia... Faça-lhe presente da Gertrudes!...

LINA – Mas, papai!...

LUÍS – O que é?

LINA – Por que mamãe ontem também me pediu perdão de joelhos?...

BARÃO – Não admito que se fale mais disso!

LINA – Eu quero saber.... Foi de tudo o que mais me afligiu!

LUÍS – Eu te digo, Lina. Quando nos encontramos a primeira vez com Frederico e que ele dançou contigo, eu quis te confessar; tua mãe se opôs. Ontem arrependeu-se.

LINA – Ah! meu bom pai!... (abraça-o.) Agora vou abraçar também a minha querida mamãe! Ainda hoje não a vi!

LUÍS – Ela está dormindo agora; passou mal a noite com o susto que teve do teu desmaio! Vai-te distrair; estudar a teu piano.

LINA – Hoje não tenho gosto!

LUÍS – Vai! (leva-a para o piano e volta ao barão) Então?

BARÃO – Muito bem!

LUÍS – Agora é necessário que o Ribeiro de seu lado nos ajude! Bem podias procurá-lo de minha parte.

BARÃO – Já, neste instante!

LUÍS – Compreendes bem? Silêncio do filho e...

BARÃO – Deixa ao meu cuidado! (Sai — Luís vai sair.)

LINA – Olha, papai!... Eu entrarei devagarinho, para não acordar mamãe. Quero só vê-la; sairei logo!

LUÍS – Espera um momento; eu te chamarei!

CENA III

Lina e Frederico.

(Lina tira uns arpejos frouxos do piano)

FREDERICO (entrando) – D. Lina!...

LINA (erguendo-se.) – Meu Deus!... Papai!

FREDERICO – Escute D. Lina! Não se assuste!

LINA – Eu não quero ver mais o senhor!

FREDERICO – Por quê?... ouça! Foi um engano daquela mulher!... Meu pai agora mesmo me contou tudo, e eu corri para lhe dar a notícia!... Veja como estou chorando de alegria.

LINA – Mas de quê? Que foi que seu pai lhe disse?

FREDERICO – Que eu não sou seu irmão, Lina!

LINA – É verdade, Sr. Frederico? Não está me enganando?

FREDERICO – Não sou capaz de lhe enganar!...

LINA – Me desculpe! Sou tão feliz, que duvido!...

FREDERICO – Eu lhe juro sobre a palavra de meu... daquele que eu amo e respeito como pai, porque é o seu D. Lina!

LINA – Que aflição, meu Deus! Não compreendo! Não posso... Meu pai agora mesmo me disse...

FREDERICO – De qual fala? Daquela que considera seu pai por ser marido de sua mãe, ou de seu verdadeiro pai, que me adotou e criou?...

LINA – Ah!...

FREDERICO – Que tem, D. Lina! Por compaixão!...

LINA – Então meu pai... o marido de minha mãe, não é meu... meu pai!... Responda, senhor!

FREDERICO – Pois não sabia? Sua mãe não lhe contou?

LINA – À mim?...

FREDERICO – A senhora não estava convencida que éramos irmãos?...

LINA – Meu pai me disse que o senhor é seu filho!

FREDERICO – Eu!...

LINA – Agora compreendo tudo!... Foi por isso que minha pobre mãe caiu de joelhos quando eu lhe perguntei, e desde ontem recusa me ver!

FREDERICO – Para que disse eu?

LINA – Não devia dizer. Nunca se diz mal de sua mãe a uma filha!

FREDERICO – Oh! me perdoe!...

LINA – Meu pai adivinhou o que eu havia de sofrer por minha mãe, sabendo... ocultou-me tudo... Disse-me que o

senhor era seu filho... como eu. Acreditei na sua palavra e ainda acredito!

FREDERICO – Mas seu verdadeiro pai me assegurou...

LINA – Não o conheço!

FREDERICO – Ele não tarda!

LINA – Que vem fazer aqui?

FREDERICO – Pedir sua mão, D. Lina, para mim, seu filho adotivo.

LINA – Corra e lhe suplique de joelhos que não venha! Nós somos irmãos, filhos do mesmo pai! Ele me disse e eu creio nele como em Deus. Ele não mente!

FREDERICO – Mas pode enganar-se! Quer uma prova?...

LINA – Não! não!

FREDERICO – Leia esta carta que o Sr. Viana escreveu à seu pai na véspera de casar-se, exigindo que restituísse a senhora à sua mãe!

LINA – Não me compreendeu!... Nós somos irmãos! Assim é forçoso! Uma mãe não pode corar diante de sua filha. Eu devo esquecer e ignorar tudo quanto o senhor me disse!

FREDERICO – E nosso amor!

LINA – Seja eu desgraçada, Sr. Frederico; mas não aquela que me deu o ser.

FREDERICO – Ela não pode ser desgraçada vendo sua filha feliz!... Saiba que seu pai me adotou na esperança de casar-me com a senhora e de ter assim um dia o direito de tornar à chamá-la sua filha!...

LINA – Nunca!

FREDERICO – Não seja cruel, D. Lina!

LINA – Se esse homem que o senhor chama meu pai e que eu não conheço vier aqui e descobrir que não somos irmãos, juro-lhe que não o verei mais...

FREDERICO – D. Lina!

LINA – Não! Porque morrerei com minha mãe! (sai.)

FREDERICO – Que fatalidade, senhor! (sai.)

CENA IV

Sofia e Carolina.

SOFIA (na porta e para fora.) – Sim, meu pai. Passe na volta para me levar.

CAROLINA – Adeus, D. Sofia!

SOFIA – Oh! D. Carolina, não a tinha visto. E Lina?

CAROLINA – Passou melhor; mas ainda está muito abatida e nervosa. Fez bem em vir lhe fazer companhia. Ela é muito sua amiga!

SOFIA – E eu dela!

CAROLINA – Eu sei, e tenho muito prazer com isso. Lina pode perder sua mãe de um momento para outro... talvez mais cedo do que pensa... e então sempre é um consolo para mim saber que lhe fica uma irmã.

SOFIA – Não pense nisso, D. Carolina!

CAROLINA – A senhora será uma irmã para ela, me promete?

SOFIA – Já sou; mas deixe estas ideias tristes!

CAROLINA – Se ao menos Luís se tornasse a casar, ela teria uma segunda mãe... porém ele não há de querer, talvez por consideração a mim!...

SOFIA – Que prazer acha a senhora em estar a se afligir deste modo, sem causa.

CAROLINA – Não me aflige a ideia de morrer, não, D. Sofia. Morrer é descansar... Mas quando eu já não estiver neste mundo, lembre-se desta conversa que talvez seja a última...

SOFIA – A senhora me assusta.

CAROLINA – Se Luís tiver escrúpulos de casar-se outra vez, diga-lhe o que me ouviu, — “que minha alma o abençoará do outro mundo, se ele der a minha filha uma segunda mãe boa e virtuosa, como... como a Sr.a D. Sofia!”

SOFIA – D. Carolina!...

CAROLINA – Vá ver Lina; mas não lhe fale do que sucedeu ontem; ela está muito apreensiva; procure distraí-la.

SOFIA (saindo) – Sim, senhora.

CENA V

Meneses e Carolina.

MENESES – Por que se ergueu da cama, Carolina?

CAROLINA – É necessário!...

MENESES – Luís não devia ter consentido!

CAROLINA – Ele não me viu; pensa que estou deitada. Obteve as cartas?...

MENESES – Aqui estão, com um retrato!

CAROLINA – Ah! obrigado meu amigo. Acenda-me uma vela!...

MENESES – O tal Vieirinha custou à desistir da hipoteca que tinha sobre a D. Paulina!...

CAROLINA – Não zombe assim da honra de uma senhora, Meneses, ao menos diante de mim!...

MENESES – Desculpe, Carolina!

CAROLINA – Mas afinal como obteve que lhe entregasse?... E entregaria todas?... É capaz de ter ficado com algumas...

MENESES – Não tenha receio. Araújo possuía um autógrafo precioso do nosso comendador, o qual apresentado à polícia bastava para mandá-lo em 24 horas para a casa de correção e em 3 meses para Fernando de Noronha... (acende a vela) Munido dessa arma poderosa apresentei-me em casa do Vieirinha que se dignou abrir-me

todas as gavetas e cômodas. Aí no seu grande arsenal de conquistador, achei entre flores secas, anéis de cabelos, retratos e epístolas, o que procurava.

CAROLINA – Outra vez obrigada, Meneses!... Já que não pude defender a minha, salvarei a honra dessa senhora! (Queima os papéis.)

MENESES – Custa caro à sociedade a honra de D. Paulina!

CAROLINA – Por quê?

MENESES – Demorou a punição de um tratante!

CENA VI

Os precedentes, D. Francisca e o afilhado.

D. FRANCISCA – Vou entrando, porque estou cansada de bater. (Cortesia seca aos dous.)

CAROLINA – Sabe que tem toda a liberdade nesta casa!

D. FRANCISCA – Preciso falar-lhe em particular, D. Carolina.

CAROLINA – Fale D. Francisca. O Meneses é nosso amigo velho e para ele não temos segredos.

D. FRANCISCA – Bem; era pela senhora! Cá por mim, pouco se me dá!

MENESES – Ia me retirar; mas como o segredo interessa à Carolina, fico. Pode falar sem susto, D. Francisca.

D. FRANCISCA – O senhor dirá se tenho razão. Ontem chegando em casa achei uma carta anônima, que eu não lhe devo mostrar porque traz cousas horríveis contra a senhora.

CAROLINA – Que mal faz? Deixe-a ver!

D. FRANCISCA – Não a trouxe, e nem lhe falaria dela se não fosse tocar em um ponto que me interessa, o futuro de minha filha. A carta diz que o Pinheiro... Não se zangue...

CAROLINA – Por que motivo? A senhora repete apenas o que leu.

D. FRANCISCA – Há certas cousas que custam repetir, mas enfim é preciso. A carta diz que a senhora aqui há anos teve relações com o Pinheiro e o arruinou... É verdade?...

MENESES – Senhora!... Bem fiz eu em ficar!

CAROLINA – Não se altere, meu amigo!

D. FRANCISCA – Queira perdoar! Eu suspeitei logo que houvesse aí alguma intriga; mas desejava ouvir isso mesmo

da senhora... para meu sossego. Vejo agora que não passa de uma miserável calúnia!

CAROLINA – Não, D. Francisca. Tudo que lhe escreveram... é verdade!

D. FRANCISCA – A senhora confessa?

MENESES – Carolina!

CAROLINA – Não sei mentir!

D. FRANCISCA (erguendo-se) – Então muito agradecida pela peça que me pregou! O dote de Amélia é que devia pagar ao Pinheiro a sua dívida!

CAROLINA – Quando a senhora me pediu que arranjasse um casamento para sua filha, o que me disse? “Que desejava casá-la antes de tudo com um homem de bem, embora pobre e sem posição.” Não é exato?

D. FRANCISCA – A que vem isto agora?

CAROLINA – Eu conhecia um homem de bem, que tinha lutado corajosamente contra a miséria e aprendera na desgraça...

MENESES – Um exemplo que eu admiro no meio da corrupção atual.

CAROLINA – Lembrando-me dele para marido de D. Amélia referi tudo quanto eu sabia de sua vida, ocultando somente o nome da desgraçada que o tinha reduzido à miséria. Pensei que não fosse necessário curtir essa vergonha... Enganei-me; não devia subtrair-me a ela!...

D. FRANCISCA – Bem; eu não tenho mais que fazer aqui.

CAROLINA – É justo que me ouça! Se esse moço fosse arruinado por outra mulher eu teria o direito de o proteger e recomendar; mas como eu fui a própria autora de sua desgraça, não posso, não devo reparar o mal que lhe causei!... Seria uma indignidade, uma peça...

D. FRANCISCA – Não quis lhe ofender dizendo isto...

CAROLINA – O Pinheiro é um homem de bem e digno de pertencer à sua família; a senhora o provou com a estima em que o tem, sua filha com a afeição que lhe consagra!... Que importa o ente desprezível que serviu para os reunir?... Despreze-me embora, rebaixe-me na sua estima, porém não faça a infelicidade de duas criaturas que se amam!

D. FRANCISCA – Tem muita razão! Eu é que sou de um gênio meio arrebatado; não faça caso do que disse, D. Carolina. Suponha que nada houve entre nós!...

CAROLINA – Eu lhe agradeço... por eles!

MENESES – Agora permita-me também uma palavra, D. Francisca. Desconfio que essa carta anônima seja de um célebre comendador Vieira...

D. FRANCISCA – E não é de outro!

MENESES – Desejo vê-la!

D. FRANCISCA – Vá a minha casa. Eu lhe mostrarei!

MENESES – Será a última infâmia que ele pratique impunemente.

D. FRANCISCA – Adeus, D. Carolina, não posso demorar-me... Até outra vez, Sr. Meneses. (Sai)

CENA VII

Carolina e Meneses.

MENESES – Em que pensa, Carolina!

CAROLINA – No meu destino, Meneses. Preciso morrer!

MENESES – Abandone, semelhante ideia, Carolina. Eu lhe ordeno em nome do dever!

CAROLINA – É o dever que me condena. Você me conhece, Meneses; eu não era capaz de afligi-lo com essa triste notícia, se ela não lhe anunciasse uma resolução inabalável!

MENESES – Bem, Carolina!... Neste caso eu assumo a autoridade que me dá o meu título de homem honesto e amigo dedicado para impedir por todos os modos que você realize semelhante ingratidão!

CAROLINA – Pensa que eu pretendo suicidar-me?

MENESES – Suas palavras...

CAROLINA – Para morrer não careço de ferro, nem de veneno! Olhe para mim! Não vê que eu já trago a morte comigo, dentro deste corpo; sou mais que uma moribunda, sou uma defunta viva! O que ainda me sustenta é a vontade; quero viver algumas horas ainda! Quando essa vontade me abandonar, terei acabado de morrer!...

MENESES – Eu a desconheço, Carolina! Você tão forte e resignada com a desgraça, sucumbe agora que chegava ao fim de seus sofrimentos!

CAROLINA – Fui e sou forte para a minha própria desgraça; mas para a desgraça daqueles que amo, sou pusilânime e fraca! Sofri resignada a expiação do meu erro, porém não posso sofrer as dores de que sou causa infeliz! Minha filha me despreza. Luís já não me ama!

MENESES – Luís ainda não lhe confessou?... Ele a ama. Ele a adora! Teve um instante de loucura, uma vertigem, mas cairá de novo à seus pés confuso e envergonhado!

CAROLINA – Não é possível, meu Deus! Se fosse... ele me teria dito!...

MENESES – Teve medo de dizer; queria provar!

CAROLINA – Oh! não é necessário!

CENA VIII

MENESES – Vem, Luís, vem dizer a Carolina que é verdade que tu a amas?...

LUÍS (agitado) – Para que saiu do quarto? Viu Lina?...

CAROLINA – É verdade, Luís!

LUÍS – Eu não queria confessar-lhe, Carolina, senão depois que me tornasse digno do seu perdão!... Não bastava meu arrependimento, era necessário apagar em seu espírito à força de adoração, a lembrança de um crime!

CAROLINA – Está apagada, Luís. Creio que ela nunca aí esteve; o que eu tinha no coração era sim o pesar de o fazer infeliz!

LUÍS – Minha boa Carolina!... Ainda havemos de ser muito, muito felizes!

MENESES – Acredito! No seio da família que é onde está a verdadeira felicidade!

CAROLINA – Para mim não! Já não há felicidade neste mundo! Nem mesmo no berço para onde me apontaste outrora, Luís! Minha filha!... É preciso que eu morra por ela e para ela!...

LUÍS – Que desespero é esse, Carolina? Atenda!...

CAROLINA – Julga que eu possa viver, depois de confessar à Lina a minha vergonha! Porque é necessário que eu lhe confesse, que me arraste pelo chão à seus pés pedindo-lhe perdão... Seja este o maior e o último castigo, o suplício que de uma vez me acabe!...

LUÍS – Sossegue; Lina está tranquila e resignada!...

CAROLINA – Mas quando ela perguntar-me por que é irmã de...

LUÍS – Não lhe perguntará; ela já o sabe.

CAROLINA – Então!...

LUÍS – Ouça! Ela sabe que Frederico é meu filho! Eu lho disse; e o Ribeiro o confirmará. Lina está perfeitamente

convencida. Quando voltei ao quarto para lhe prevenir, pareceu-me que você dormia, Carolina. E por isso me assustei encontrando-a aqui!

MENESES – Resolveste uma grave dificuldade!

CAROLINA – Mas tenho eu o direito de subtrair-me a este castigo do meu erro?

MENESES – Tem o dever de não amargurar o coração de sua filha!

CAROLINA – E se de um momento para outro ela vier a saber a verdade?...

LUÍS – Preveni tudo. Havemos de viver d’agora em diante mais encerrados na família e na verdadeira amizade; além disto amanhã voltaremos para a roça. Aí vive-se isolado do mundo, e por isso mais perto de si e dos seus!

MENESES – Antecipaste a minha lembrança.

CAROLINA – Acreditam então que ainda Deus me reserva sossego e ventura neste mundo?

MENESES – Decerto!...

LUÍS – Eu te juro, Carolina!

CAROLINA (assustada.) – Um carro!

LUÍS – Há de ser Araújo!

MENESES (na janela) – É o Ribeiro!

LUÍS – Que lembrança de Araújo, trazer aqui esse homem. Não lhe faz mal sua presença, Carolina?

CAROLINA – Oh! não Luís! Trata-se de tua e minha filha! Não sei que me diz o coração!...

CENA IX

Os precedentes, Barão e Ribeiro.

BARÃO (entrando) – Alegrem-se!... Uma com que ninguém contava.

LUÍS – O quê?

RIBEIRO – Frederico não é meu filho!

MENESES – Nesse caso Lina?...

RIBEIRO – Não é sua irmã.

CAROLINA – Ah!...

RIBEIRO (a Luís) – Quando o Sr. Viana exigiu de mim o sacrifício de restituir a filha à ternura de sua mãe, eu não podia deixar de acompanhá-la de longe com o meu amor. Por esse tempo faleceu na Europa meu irmão, deixando em Campos onde residia um filho órfão de sete anos; eu o adotei e trouxe para minha companhia. Quando partiu meu irmão, ele tinha apenas dous anos; disseram-lhe que seu pai ia chegar e ele me abraçou como tal.

LUÍS – Mas o Sr. Ribeiro devia ter refletido no inconveniente deste segredo quando seu filho frequentava uma sociedade na qual Lina aparecia!

RIBEIRO – Permita que lhe confesse uma franqueza minha. Adotando esse menino por meu filho, meu desejo era uni-lo algum dia aquela de quem me separei para sempre; e reivindicar assim o direito de chamá-la minha... filha.

LUÍS – Devia ter-me prevenido e consultado.

RIBEIRO – Preparava-me para isto; tinha ontem adquirido a certeza de que Frederico amava seriamente, quando sem esperarmos...

BARÃO – Felizmente tudo acaba bem! Vou chamar minha afilhada para dar-lhe a alegre notícia!...

CAROLINA – Chame-a, sim, Araújo. Seja ela feliz, embora eu morra de vergonha a seus pés!

MENESES – Espera (a Araújo). Que pretende você fazer Carolina? Confessar a Lina...

CAROLINA – Tudo, tudo, e neste instante!

LUÍS – Não consinto!

CAROLINA – Mas, Luís, meu coração não pode sofrer que Lina se julgue desgraçada nem mais um momento, quando a alegria e a felicidade lhe sorriem... Ela ama Frederico e está convencida que ele é seu irmão!...

MENESES – Talvez o melhor fosse não perturbar essa convicção, pelo menos já. Estes choques frequentes para uma jovem imaginação!...

RIBEIRO – Mas, Sr. Meneses, eles se amam... tanto; e Frederico que já sabe!...

LUÍS – Há um meio de arranjar tudo. Direi a Lina que o Sr. Ribeiro desfez o engano em que estávamos. Frederico não é o menino que eu julgava meu filho.

BARÃO – Aprovo.

RIBEIRO – Muito bem!

MENESES – Tomem o meu conselho!

CAROLINA – Deus condena a mentira!... A mãe culpada deve humilhar-se em face da filha, para sua punição! Eu não quero um dia, quando ela venha à saber, porque eu mesma não tenha mais força de lhe esconder... não quero juntar à vergonha de meu erro, a cobardia da mentira. Se até hoje meu silêncio para ela foi simples receio e pudor, daqui em diante será uma hipocrisia vil! De que serve enganá-la?... Minha filha há de ver no rubor de minhas faces, no tremor de minha voz, no remorso de minha alma a verdade terrível! Deixa-me, Luís, deixa-me ir lançar de uma vez a seus pés!...

LUÍS – Oponho-me com todas as forças!

CAROLINA – Seja ela feliz!...

CENA X

Os precedentes e Frederico.

FREDERICO (entrando com precipitação) – Meu pai!

RIBEIRO – Que tens, Frederico? Estás tão perturbado!

FREDERICO – Venha, não se demore! Eu lhe suplico...

RIBEIRO – Realmente tu me assustas. Não te lembras já do que me trouxe aqui?

FREDERICO – Por isso mesmo...

RIBEIRO – Estávamos justamente tratando de tua felicidade; chegaste à propósito...

FREDERICO – Todos já sabem?... E Lina também?...

RIBEIRO – Ela ainda não.

FREDERICO – Meu Deus... Estou perdido...

RIBEIRO – Por quê?

FREDERICO – Eu vinha mesmo para lhe pedir que nada dissesse... corri à casa e já não achei meu pai; soube que tinha saído com o Sr. barão... cheguei tarde... Ela não me perdoará!

CAROLINA – Ela quem?

FREDERICO – Lina!

RIBEIRO – Não te compreendo!... Lina te ama e não te perdoará quando souber que não é tua irmã, e pode ser tua esposa.

LUÍS – Realmente é incompreensível.

BARÃO – Há aqui algum mistério...

FREDERICO – Eu lhe rogo meu pai, e aos senhores, não declarem a Lina que eu não sou seu irmão. Ela morreria!... Depois, talvez!...

CAROLINA – Mas... o senhor esteve com a Lina hoje, já lhe falou?...

FREDERICO – Não sei, não me pergunte semelhante cousa.

CAROLINA – Ah!... Minha filha já sabe tudo! Ele lhe disse!...

FREDERICO – Não! não!...

MENESES – As suas reticências diante de uma mãe aflita são cruéis, senhor; diga-nos o que se passou e que debalde tenta ocultar; há no seu coração materno, como na amizade que o rodeia, bastante resignação e coragem para resistir à mais esse golpe que nos ameaça!

FREDERICO – Eu bem queria falar; mas não posso.

LUÍS – É escusado o silêncio!

CAROLINA – Meu coração já adivinhou!

MENESES – E Lina nos dirá o que aconteceu!

LUÍS – Vou chamá-la!

FREDERICO – Oh! Não a chame!... Eu contarei tudo, mas não mostrem à ela que o sabem... a senhora sobretudo!

CAROLINA – Fale por compaixão.

RIBEIRO – Eu te ordeno, Frederico!

FREDERICO – Quando meu pai declarou-me que eu não era irmão de Lina, fiquei tão fora de mim com a alegria dessa notícia, que corri até aqui para falar com o Sr. Viana! Achei Lina nesta sala...

CAROLINA – E disse-lhe tudo... tudo!...

FREDERICO – Eu pensei que ela já sabia...

CAROLINA – E minha filha... amaldiçoou-me?

FREDERICO – Ela?... Não quis acreditar-me... Seu pai lhe tinha dito que eu era seu filho, e seu pai não mentia... Devíamos ficar irmãos, para que sua mãe não sofresse!... Mandou-me que fosse lhe suplicar, meu pai, para que nada revelasse... Enfim...

CAROLINA – Acabe!...

FREDERICO – Jurou que se meu pai proferisse uma palavra, nunca mais eu a havia de ver... morreria com sua mãe!...

CAROLINA – Oh! minha filha!...

BARÃO – Ela aí vem! Quero abraçá-la!

FREDERICO – Silêncio, por piedade!...

CENA XI

Os precedentes e Lina.

LINA – Mamãe!

CAROLINA – Minha filha!... Tu sacrificavas a tua felicidade ao sossego de tua mãe!...

LINA (voltando-se para Frederico) – Nunca mais!... Eu o jurei!...

FREDERICO – Perdão!

CAROLINA – Ainda me amas, Lina?

LINA – Agora, mil vezes mais, porque sei quanto mamãe tem sofrido!

CAROLINA – Abençoada por minha filha!... Então posso viver, meu Deus!... Viverei para ser testemunha de tua felicidade!... Seremos agora três para te amar...

RIBEIRO – Três!...

CAROLINA – E ele também!

LUÍS – Sim!

LINA (com terror) – Não, mamãe. Esse homem, não!...

RIBEIRO – Meu castigo! Adeus, Frederico, sê feliz! (sai)

LINA (atirando-se aos braços de Luís.) – Meu pai!...

LUÍS – Anjo!

MENESES – Anjo, sim... (à Carolina) de perdão para a vítima; de maldição para o culpado.

FIM

Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),^[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#) ^[2] ou da [GNU FDL](#),^[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).^[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Luis Gabriel Moraes Dias

-
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
 2. [↑ _____ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
 3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
 4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)